

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

**THAIS FERREIRA RODRIGUES**

***A cultura *Ballroom* na cidade de São Paulo:  
um estudo etnográfico e netnográfico***

**São Paulo  
2023**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

**A Cultura *Ballroom* na cidade de São Paulo: um estudo  
etnográfico**

**Thaís Ferreira Rodrigues**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Especialista em Mídia, Informação e  
Cultura.

**Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia do Carmo Nonato Lima**

São Paulo

2023

# A CULTURA *BALLROOM* NA CIDADE DE SÃO PAULO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO<sup>1</sup>

Thaís Ferreira Rodrigues<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo é resultado de um estudo que pretende analisar a cultura *Ballroom* na cidade de São Paulo. Criada no Harlem, nos Estados Unidos, a partir da década de 1970, essa cultura, por meio de festas e dos agrupamentos das *Houses*, fomentou vivências e sociabilidade entre membros da comunidade LGBTQIA+, majoritariamente de origem negra e latina. Nos últimos dez anos, as práticas da cultura *Ballroom* começaram a ser adotadas no Brasil. Por meio de pesquisa etnográfica e netnográfica, o estudo tem como objetivo mapear as dinâmicas das festas *Ballroom* na cidade de São Paulo para identificar aspectos sociais, artísticos e políticos atrelados a essa vivência cultural.

**Palavras-chave:** Cultura *Ballroom*. LGBTQIA+. Cultura negra. Etnografia. Netnografia.

**Abstract:** This study aims to analyse the ballroom culture in São Paulo city. Created in Harlem during the 1970 ballroom culture promoted a social environment for african americans and latin americans of the LBTQIA+ community. For the last decade its practices have been adopted in Brazil. Through ethnographic and netnography research, this study aims to map Ballrooms in São Paulo with the purpose of identifying its social, artistic, political aspects.

**Key Words:** Ballroom Culture. LGBTQIA+. African American Culture. Ethnography. Netnography.

**Resumen:** Este estudio tiene como objetivo analizar la cultura Ballroom en la ciudad de São Paulo. Creado en Harlem durante la cultura del salón de baile de 1970, promovió un entorno social para afroamericanos y latinoamericanos de la comunidad LBTQIA+. Durante la última década sus prácticas han sido adoptadas en Brasil. A través de una investigación etnográfica y netnográfica, este estudio tiene como objetivo mapear los Ballrooms de São Paulo con el objetivo de identificar sus aspectos sociales, artísticos y políticos.

**Palabras clave:** Cultura Ballroom. LGBTQIA+. Cultura negra. Etnografía. Netnografía.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia do Carmo Nonato Lima.

<sup>2</sup> Bacharela em História (FFLCH/USP) e em jornalismo (Fundação Cásper Líbero). Pós-graduanda em Mídia, Informação e Cultura (CELACC/USP). Atua profissionalmente como editora de conteúdo digital no Sesc São Paulo.

## 1. INTRODUÇÃO

A “Kiki Ball: Ballroom da Quebrada”, no Sesc Itaquera, na Zona Leste de São Paulo foi nosso primeiro contato com a cultura *Ballroom*. Foi no dia 4 de janeiro de 2020, quando jovens negros, em sua maioria homens gays e mulheres transgênero, ensaiavam uma dança pouco convencional. Aquelas pessoas e os seus movimentos causavam estranhamento do público, que estava acostumado a frequentar o parque aquático e os espetáculos do local. Alguns observavam com olhar de reprovação, balançavam a cabeça em negação e saíam do local. Outros pareciam contagiados pelo ritmo e tentavam imitar os passos.

Com os joelhos bem dobrados, os participantes caminhavam para frente e para trás, sustentavam os movimentos apenas com a força das coxas. Os braços faziam movimentos precisos com ângulos retos nos pulsos e cotovelos. Toda aquela dança era acompanhada de diversas expressões faciais que lembravam as modelos das capas de revistas. Tratava-se do *vogue* ou *voguing*.

O texto no site do Sesc descrevia a atividade brevemente como um espaço festivo de iniciação na cultura *Ballroom* e de reconhecimento, respeito e acolhimento para pessoas LGBTQIA+, negras e periféricas.

No centro da praça de eventos, estava montada uma grande passarela, rodeada com cadeiras brancas de plástico. Outras pessoas se juntaram ao primeiro grupo que ensaiava a dança. Muitos vestiam saias, vestidos, tops e biquínis coloridos. Eles se acomodaram nas cadeiras que rapidamente ficaram ocupadas. Os demais participantes acompanharam a atividade em pé, perto da estrutura central.

O evento começou com apresentações divididas em categorias, numa mistura de competição, performance, dança, moda e música. Na ponta da passarela, uma mesa com três jurados que aprovavam e reprovavam as apresentações. Os campeões saíam do palco com troféus e premiações em dinheiro. Toda essa dinâmica era acompanhada pela batida da música eletrônica e pela condução de uma apresentadora que fazia as apresentações, improvisava rimas e interagia com o público.

Aos olhos de uma pessoa leiga, aquela manifestação artística parecia complexa, difícil de entender e ao mesmo tempo fascinante. Era como estar em um país estrangeiro e imergir em outra cultura. Os participantes se movimentavam de forma muito confiante pela passarela e falavam nomes e gírias que não fazem parte do vocabulário cotidiano.

A curiosidade e a admiração geradas nesse primeiro contato foram os grandes impulsionadores para a realização deste estudo, cujo artigo pretende apresentar a cena da

cultura *Ballroom* na cidade de São Paulo. Para introduzir o tema, no entanto, é necessário compreender os aspectos sociais que moldaram esse fenômeno cultural surgido inicialmente nos Estados Unidos.

As primeiras *Ballrooms* datam da década de 1970<sup>3</sup>, no bairro do Harlem, em Nova Iorque. Negros e latinos que se identificavam como gays, drag queens e pessoas trans organizavam e participavam de festas. Os bailes se tornaram ambientes seguros e de acolhimento para que essas pessoas pudessem se expressar livremente. Do lado de fora, eram excluídos duplamente pela sociedade americana, tanto por suas origens étnico-raciais quanto por suas orientações sexuais e identidades de gênero,

No Brasil, a cultura *Ballroom* começou a florescer nos últimos dez anos com a criação das primeiras *Houses*<sup>4</sup> e a organização das primeiras festas do gênero. Assim como nas origens americanas, as casas brasileiras são formadas em sua maioria por pessoas negras que vivem nas regiões periféricas das cidades e que fazem parte da comunidade LGBTQIA+<sup>5</sup>.

Diante disso, as questões que permeiam este trabalho são: por que essa cultura americana, que ganhou seus contornos em 1970, começou a ser adotada no Brasil nos últimos anos? Qual a motivação dos participantes para se envolverem com a *Ballroom*? Existiam lacunas nas sociabilidades de pessoas negras, pobres e LGBTQIA+ que essa cultura está preenchendo?

O estudo tem como objetivo mapear as dinâmicas das festas *Ballroom* na cidade de São Paulo para identificar possíveis aspectos sociais, artísticos e políticos que são atrelados a essa prática cultural e que fazem sentido para essa comunidade. O levantamento de dados foi realizado por meio de uma pesquisa etnográfica com observação de eventos e festas relacionados a essa cultura e pela análise de vídeos, fotos e textos publicados em mídias sociais, utilizando o método netnográfico.

No levantamento bibliográfico realizado até o momento, os estudos acadêmicos que abordam a cultura *Ballroom* no Brasil são escassos. Apenas três trabalhos em português foram encontrados sobre o tema em pesquisas nos bancos de dados da Dedalus, Scielo e Google

---

<sup>3</sup> As informações sobre o contexto de criação da cultura *Ballroom*, as dinâmicas das festas, a criação das *Houses*, a figura das *Mothers*, *Fathers* e dos integrantes dessa comunidade foram extraídos do documentário *Paris is Burning*, da diretora Jennie Livingston.

<sup>4</sup> Não há registros oficiais sobre as primeiras *Houses* no Brasil, mas dentro da comunidade *Ballroom* brasileira existe um consenso de que a primeira foi a *House of Hands Up*, fundada em 2012, em Brasília. O próprio perfil no Instagram da *House* traz como descrição: "Primeira *House* do Brasil".

<sup>5</sup> A análise da Cultura *Ballroom* se insere no conceito de interseccionalidade que foi formulado inicialmente por Kimberlé Crenshaw (1989). A autora define o termo como a articulação eixos que estão relacionados ao racismo, ao machismo e as estruturas sociais, apontando como esses diversos eixos produzem opressão.

Acadêmico, com destaque para a dissertação de mestrado de Henrique Cintra Santos que estuda a transnacionalização dessa cultura (SANTOS, 2018).

No entanto, não foram encontradas publicações acadêmicas que abordem o tema com foco na cidade de São Paulo e que se dedicam a compreender a cultura por meio de sua sociabilidade, o que justifica a realização da pesquisa proposta.

O estudo também se justifica pela compreensão de um fenômeno cultural relativamente singular dentro da sociedade brasileira, que busca a valorização do trabalho de minorias que foram historicamente marginalizadas e as colocam em papel de protagonistas na produção e na participação dos eventos culturais. Espera-se, com este estudo, fortalecer os debates sobre uma cultura em expansão e dar visibilidade para as criações artísticas e para as pautas de pessoas LGBTQIA+, negras e periféricas da cidade de São Paulo.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O conceito de cultura a ser utilizado para compreender o fenômeno descrito é o formulado por John B. Thompson que define cultura como: “o padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças.” (THOMPSON, 2011, p.176). A análise da Cultura *Ballroom* realizada neste trabalho, portanto, se concentra na interpretação de possíveis significados e na contextualização sócio-histórica dessas formas simbólicas.

A principal fonte para compreender o surgimento da cultura *Ballroom* nos Estados Unidos é o documentário *Paris is Burning*, de Jennie Livingston. A obra é um registro das dinâmicas das festas, a constituição das *Houses* e as figuras proeminentes dessa comunidade. Essa descrição se assemelha à versão brasileira desse fenômeno cultural, principalmente em suas estruturas básicas de organização. Apesar de existirem diversas críticas em relação ao trabalho de Livingston (BUTLER, 2019), o filme se tornou um documento amplamente referenciado nas pesquisas sobre o tema.

Os indivíduos retratados no documentário eram rotulados como desviantes das normas criadas e impostas pela sociedade, em especial aquelas que compreendem a cisheteronormatividade. O conceito de desvio é entendido, nesse contexto, fora da perspectiva moralista que o termo costuma carregar, e se aproxima da definição proposta por Howard S. Becker: “o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um ‘infrator’”. (BECKER, 2009, p.22).

Os atos rotulados como desviantes conduziam os membros da cultura *Ballroom* retratados por Livingstone para trajetórias de vida que se assemelhavam. Geralmente, as histórias envolviam a expulsão de seus lares devido ao preconceito ou a fuga com medo da violência de familiares após a descoberta de suas orientações sexuais e/ou identidade de gênero. Diante da falta de oportunidade e o desamparo econômico e social, a prostituição e a prática de furtos se tornava frequente para alguns desses membros.

A constituição de uma cultura como a *Ballroom*, portanto, pode ser considerada a partir de dois fatores principais: o chamado ato desviante, que se resume a não conformidade com os padrões definidos pela sociedade branca, cisgênera e heterossexual; e a exclusão social, situação que agrupa os membros na mesma condição de marginalização. Segundo Howard S. Becker (2009, p. 91):

(...) quando pessoas que se envolvem em atividades desviantes têm oportunidade de interagir, é provável que desenvolvam uma cultura constituída em torno dos problemas decorrentes das diferenças entre sua definição do que fazem e a definição adotada por outros membros da sociedade. Elas desenvolvem perspectivas sobre si mesmas e suas atividades desviantes e sobre suas relações com outros membros da sociedade.

Nessa perspectiva, o embrião da cultura *Ballroom*, como mostra o documentário, está na organização em pequenos grupos chamados de *Houses* (Casas, em inglês), que competiam entre si durante as festas. As disputas eram divididas em categorias relacionadas principalmente à dança, performance, beleza e figurino.

Os membros que agregavam e lideravam esses grupos eram chamados de *Mothers* ou *Fathers* (Mães ou Pais, em inglês). Essas figuras são pessoas mais experientes dentro da comunidade que poderiam acolher, dar suporte emocional e, em alguns casos, apoio financeiro para os chamados *Children* (filhos, em português), como eram chamados os demais membros da *House*. Esses últimos eram, geralmente, pessoas mais jovens e em situação de maior vulnerabilidade social.

Nas *Houses*, os membros se preparavam para as festas, mas o papel dessa união ia muito além das pistas de dança. Esses coletivos funcionavam como redes de apoio entre as pessoas dessa comunidade e assumiram uma importante função social, afetiva e protetiva similar ao de uma família (BAILEY, 2013).

Essa estrutura social das *Houses*, que inicialmente foi forjada na década de 1970 nos Estados Unidos, se aproxima do conceito que Michel Maffesoli (1998) compreende como

tribos urbanas no contexto da pós-modernidade. Ou seja, grupos que se aproximam por interesses em comum e que adotam certos rituais e símbolos.

Nesse caso, as festas da cultura *Ballroom* podem ser analisadas como rituais que possuem suas próprias simbologias, sendo a principal a dança *vogue*, mas composta por outras, como as gírias, as roupas e as músicas. Um dos efeitos desse tribalismo seria de conectar os indivíduos e criar um sentimento de pertencimento e laços sociais entre os integrantes do grupo, como define Maffesoli (1998, p.98):

Esses agrupamentos afinitários retomam a antiga estrutura antropológica que é a “família ampliada”. Estrutura onde a negociação da paixão e do conflito se faz bem de perto. Sem remeter à consanguinidade esse reagrupamento se inscreve na perspectiva do “phylum” que renasce com desdobramento do naturalismo. Podemos dizer que essas redes, que pontuam nas megalópoles, retomam as funções de ajuda mútua, de convivialidade, de comensalidade, de sustentação profissional e, às vezes, até mesmo de ritos culturais que caracterizam o espírito da “gens” romana.

Além da figura das *Mothers* e *Fathers*, um dos exemplos de como a construção de uma família ampliada pode ser compreendida na estrutura simbólica da cultura *Ballroom* é a adoção de um sobrenome. Ao entrar para uma dessas famílias, o nome da *House* é agregado ao nome da pessoa com uma forma de distinção entre os participantes. Venus Xtravaganza, personagem do filme *Paris is Burning*, por exemplo, pertencia a *House of Xtravaganza*. Outro exemplo é Junior LaBeija, que também aparece no documentário, membro da *House of LaBeija*.

A *Ballroom* – seus grupos (*Houses*), rituais (festas) e símbolos (dança, roupas, gírias, entre outros) – exerceu um importante papel de criação de uma comunidade, cuja identidade não é forjada por meio de um passado histórico, mas construída por meio de sua cultura e da afirmação da alteridade diante dos mais grupos sociais. Em suas reflexões sobre a questão da identidade, Stuart Hall (2000, p.109) entende que:

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tomar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”.

A identidade, descrita por Hall, mobiliza diversos recursos narrativos para a construção de um imaginário coletivo. Na cultura *Ballroom*, essa mobilização acontece com a formulação de seus próprios mitos de criação e seus próprios heróis, que são nomeados como

*pioneers, legends, statements e stars* (pioneiros, lendas, afirmações e estrelas, em português), como são conhecidos os membros mais relevantes dentro da comunidade.

Mesmo que essas criações sejam ficcionais não reduzem a eficácia na sensação de pertencimento, como aponta Hall (2000, p.019): “a ‘suturação à história’ por meio da qual as identidades surgem, esteja, em parte, no imaginário (assim como no simbólico) e, portanto, sempre, em parte, construída na fantasia ou, ao menos, no interior de um campo fantasmático”.

A fantasia é um elemento importante dentro da cultura Ballroom, tanto na criação de uma identidade como descrito por Hall, quanto no desenvolvimento de performances das festas. É por meio delas que um homem negro e gay se transforma em uma mulher rica que desfila pela passarela, ou uma mulher trans se torna uma modelo de capa de revista. Como Dorian Corey, drag queen e personagem do filme *Paris is Burning* (1990), narra:

Na vida real, você não consegue um emprego como executivo a não ser que tenha muito estudo e a oportunidade. Agora, o fato de que você não é um executivo é por causa das barreiras sociais da vida. É a pura verdade. Os negros têm dificuldade de ir a qualquer lugar. E os que conseguem são geralmente héteros. Numa *Ballroom*, você pode ser o que quiser. Você não é um executivo, mas parece com um executivo. Então, você mostra para o mundo hétero que você pode ser um executivo.

Essas performances, que são criadas nas competições americanas, são apontadas por Judith Butler (2019, p.237) como contraditórias: “*Paris is Burning* não documenta nem uma insurreição eficaz, nem uma ressubordinação dolorosa, mas a coexistência instável de ambas”. Se por um lado podem ser interpretadas como contestações das normas de gênero, raça e sexualidade, por outro lado tentam criar uma ilusão perfeita. Na perspectiva de Butler, as competições acabam por reinserir seus membros dentro da lógica dominante da sociedade: o padrão branco, cisgênero e heterossexual por meio da fantasia.

### 3. METODOLOGIA

Com base na bibliografia referencial, o presente estudo pretende realizar uma análise da comunidade *Ballroom* para compreender a adoção dessa cultura na cidade de São Paulo. Para a coleta de dados e informações sobre esse grupo foram utilizados os métodos etnográfico e netnográfico. O primeiro remete à pesquisa de campo que envolve a observação na busca por compreender uma determinada cultura ou ambiente social com participação. O

segundo é uma pesquisa observacional que ocorre no campo online com o mesmo intuito de compreender um fenômeno cultural (KOZINETS, 2014).

A combinação desses dois métodos foi essencial para compreender como a cultura *Ballroom* se articula não apenas nas festas, como também na produção de conteúdos online que ajudam a difundir suas ideias e reflexões por meio de redes sociais. Como afirma Robert V. Kozinets:

Uma etnografia/netnografia seria uma combinação de abordagens, incluindo dados coletados na interação face a face bem como online. Etnografias/netnografias mistas podem assumir muitas formas, utilizar muitos métodos específicos e favorecer diferentes proporções de interação, dados e análise online para face a face. (KOZINETS, 2014, p.66).

É importante salientar que a autora da pesquisa não é uma pessoa que faz parte da comunidade *Ballroom*, formada majoritariamente por pessoas negras, periféricas e que fazem parte da comunidade LGBTQIA+. Trata-se de uma mulher cisgênero, branca e heterossexual. A perspectiva da análise é de alguém de fora. O exercício de estranhamento, no entanto, faz parte da perspectiva metodológica adotada. Como aponta Mariza Peirano (1995, p.209) a pesquisa etnográfica “é um exercício de estranhamento existencial e teórico que passa por vivências múltiplas e pelo pressuposto da universalidade da ‘experiência humana’”.

Foram realizadas observações de atividades da cultura *Ballroom* por meio de três fontes distintas: as festas, o perfil da página do Instagram *Ballroom* SP e a série de vídeos do YouTube “*Ballroom* nas Redes”.

A primeira são as festas da cultura *Ballroom*, também chamadas de balls ou bailes. Essas foram escolhidas porque são os locais primordiais em que a cultura *Ballroom* se manifesta por meio das dinâmicas das competições e pela interação entre os membros da comunidade.

Para esta pesquisa foram realizadas observações dos seguintes eventos da cultura *Ballroom*: o 2000’s Ball, organizado pela Casa de Candaces, no espaço /CO, na Barra Funda, realizado no dia 20 de novembro de 2022; o Baile Reino de Ophidea, organizado pela *House of Mamba Negra*, no Museu da Língua Portuguesa, no Bom Retiro, realizado no dia 10 de dezembro de 2022; e o Ball Masqué, organizado pela coletividade Marsha!, no Sesc Avenida Paulista, na Bela Vista, realizado no dia 4 de fevereiro de 2023. Para cada uma dessas observações, foram escritos relatos que podem ser encontrados no apêndice A deste trabalho.

A segunda fonte foi o acompanhamento do perfil da página do Instagram *Ballroom* SP, que divulga os eventos da comunidade no estado de São Paulo. As observações foram realizadas entre os meses de dezembro e janeiro de 2023. Além do recorte territorial, a página

foi escolhida por ser um dos principais pontos de divulgação das festas na cidade e por reunir entre seus seguidores diversos membros da comunidade que interagem com os conteúdos postados na página. Até o fim da escrita deste trabalho, em maio de 2023, a página contabilizava 3.357 seguidores. As anotações dessas observações constam no apêndice B deste trabalho.

A terceira fonte foi uma série de vídeos chamada “*Ballroom nas Redes*”, organizada pela Casa de Mutatis e disponível no canal Casa de Mutatis na plataforma de vídeos *YouTube*. A coleção é formada por 13 vídeos com durações que variam entre 1 hora e 17 minutos e 2 horas e 7 minutos. O objetivo, segundo a própria descrição dos vídeos, é “fornecer ferramentas e formação para as pessoas que fazem parte da comunidade *Ballroom* brasileira, por meio de encontros e oficinas que discutem temas como produção cultural e musical, debates de temas importantes e a história da Cultura *Ballroom*”. (CASA DE MUTATIS, 2022).

Esse projeto foi subsidiado pelo Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais do Município de São Paulo (VAI), que apoia financeiramente atividades artístico-culturais produzidas por jovens de baixa renda. A Casa de Mutatis foi selecionada pelo programa em 2021 na 18ª edição. Os vídeos foram uma importante fonte de informação para compreender as reflexões e percepções que os membros da comunidade fazem sobre a cultura *Ballroom*. As anotações sobre as observações fazem parte do apêndice C deste trabalho.

#### **4. ANÁLISE DE DADOS**

Nos tópicos seguintes são apresentados aspectos da cultura *Ballroom* que foram observados durante a coleta de dados. A primeira parte intitulada “Sociabilidade no Passado” é uma análise sobre como homens gays e pessoas trans socializavam na cidade de São Paulo no final do século XIX e durante o século XX, com base nos estudos realizados por James Green (2022). O objetivo é compreender quais as semelhanças e as diferenças que a cultura *Ballroom* traz para essa população em relação à vida social de seus participantes.

O segundo tópico, chamado “Dimensão Social”, é uma descrição dos rituais, símbolos e hierarquias da cultura *Ballroom* e uma análise de como essas práticas podem ser relacionadas às experiências do passado. O propósito é entender a construção dessa comunidade e seus aspectos sociais.

“Dimensão Profissional e Artística” é o terceiro tópico. Nessa parte é abordado o tema da empregabilidade de pessoas da comunidade LGBTQIA+. A intenção é compreender como

a cultura *Ballroom* se torna um espaço para a formação e a projeção profissional de seus membros.

Por fim, a quarta parte intitulada “Dimensão Política” é uma análise de como a cultura *Ballroom* se aproxima de temas relacionados à ocupação de espaços da cidade, às políticas de saúde pública e às pautas do movimento negro. O objetivo é compreender os discursos que permeiam essa comunidade.

#### **4.1 SOCIABILIDADE NO PASSADO**

Para analisar os aspectos da sociabilidade que permeiam a cultura *Ballroom* em São Paulo é preciso compreender como os grupos de homossexuais e travestis foram historicamente constituídos na cidade.

De acordo com James N. Green, a sociedade brasileira durante o século XX diferenciava duas categorias de homens que mantinham relação sexual e afetiva com outros homens: os chamados “passivos”, identificados como homens com aparência e comportamentos socialmente descritos como femininos, no linguajar popular os “bichas” ou “frescos”; e os chamados “ativos”, identificados com aparências e comportamentos considerados viris e masculinos, chamados de “bofes” ou “fanchono”. (GREEN, 2022).

É importante ressaltar, como aponta Green, que essa divisão é baseada mais no binarismo das questões de gênero que permeiam a sociedade machista e patriarcal brasileira, e menos nas questões relacionadas às preferências sexuais dessas pessoas. Ou seja, essa classificação está relacionada à leitura que a sociedade faz desses indivíduos baseada principalmente nas suas vestimentas, postura e fala.

Essas duas categorias possuíam formas de sociabilidade distintas no período analisado pelo autor, que abrange desde 1898 até os anos 2000. Os “passivos” eram alvo de preconceito e processos de marginalização. Já os “ativos” eram considerados “homens de verdade” pela sociedade, desde que mantivessem seus comportamentos associados ao gênero masculino e que suas preferências afetivas e sexuais fossem mantidas longe dos olhares alheios.

Cabe salientar que as questões de classe e raça são importantes para entender esse fenômeno, homens brancos e de classes sociais mais abastadas possuíam mais recursos e privilégios para manterem seus relacionamentos escondidos e assegurar o status social. O mesmo não acontecia com os homens negros e pobres, principalmente se fossem classificados pela sociedade como “passivos”. Muitos saíam da casa de suas famílias em busca de uma maior liberdade, alguns se prostituíam ou roubavam para sobrevivência, outros recorriam aos

poucos empregos que aceitavam seu comportamento desviante da norma de gênero. Como afirma Green:

[...] a conexão entre a prostituição, a efeminação no homem e a homossexualidade persistiu como uma forte representação do comportamento homoerótico até a segunda metade do século XX, quando surgiram noções alternativas de identidade sexual que contestaram esse paradigma dominante. (GREEN, 2022, p.77)

A sociabilidade desses grupos era limitada aos espaços públicos da cidade, como praças, jardins, banheiros públicos e salas de cinema. Nesses espaços, esses homens se conheciam, interagiam e mantinham relações de amizade e sexuais. Na cidade de São Paulo, esses encontros aconteciam em pontos específicos da região central da cidade, como a Praça da República, o Vale do Anhangabaú e a Avenida São João.

Essas interações não estavam livres do julgamento da moralidade vigente na época e da perseguição da polícia. Na teoria, a sodomia deixou de ser crime no Brasil após o período de independência. Na prática, no entanto, os homossexuais eram punidos com base no artigo 266 do Código Penal de 1890, que vigorou até 1940, o qual tipificou o Atentado Público ao Pudor: “Com uma redação abrangente, a polícia ou um juiz tinha ampla liberdade para definir e punir, como ato impróprio ou indecente, comportamentos que não se adequassem às construções heterocêntricas” (GREEN, 2022, p.70).

Já o ato de se travestir era expressamente proibido pelo artigo 379 do mesmo Código Penal: “Disfarçar o sexo, tomando trajos impróprios do seu, e trazel-os publicamente para enganar: Pena - de prisão celular por quinze a sessenta dias” (BRASIL,1890)<sup>6</sup>.

Contudo, a vigência da lei e a perseguição moral davam uma trégua uma vez por ano durante o período de carnaval. Nesse período específico, grupos de homossexuais e travestis podiam se vestir e se comportar de forma mais livre.

Os bares identificados como espaços frequentados por gays só começaram a surgir entre as décadas de 1950 e 1960 nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro.

A pesquisa de James Green é importante para compreender que, desde as primeiras décadas do século XX, as “roupas, costumes e códigos desses homens indicam que haviam construído uma identidade social comum ligada ao seu comportamento sexual.” (GREEN, 2022, P.120).

Com base nessas observações sobre os grupos homossexuais brasileiros no século XX, é importante salientar que os aspectos sobre a sociabilidade da cultura *Ballroom* que serão

---

<sup>6</sup> A grafia das palavras foi mantida a mesma que foi encontrada no documento original.

apresentadas não constituem uma novidade para essa coletividade. Como James Green aponta, já existia a criação de uma identidade, de festas com desfiles de figurinos e também de redes de apoio que podem ser comparadas aos das *Houses*: “Esses homens criam seu próprio lar e rede de amigos, os quais muitas vezes suplantam o sistema de apoio tradicional da família brasileira” (GREEN, 2022, P.180).

O que se pretende argumentar é que a Cultura *Ballroom* cria um sistema para que essas sociabilidades aconteçam de forma mais estruturada e sistemática por meio de uma organização que possui algumas hierarquias, rituais e regras próprias.

## 4.2 A DIMENSÃO SOCIAL

A organização da Cultura *Ballroom* na cidade de São Paulo, assim como em sua origem nos Estados Unidos, está ancorada na formação das *Houses*. Como apontado anteriormente, essa é uma forma de organização familiar de apoio entre os membros. É por meio da proximidade dos participantes que os conhecimentos sobre a cultura são transmitidos e as técnicas de dança, desfile e figurino são aperfeiçoados. As *Houses* também cumprem o papel de organizar e de serem as anfitriãs das festas.

No período em que este trabalho foi escrito, entre janeiro e maio de 2023, foi observado que existem mais de dez *Houses* com projeção na cena paulistana. Entre os principais nomes estão: *House of Mutatis*, *House of Avalanx*, *Casa de Candaces*, *Casa de Pimentas*, *House of Cabal*, *Casa de Odara*, *House of Black Velvet*, *House of Blyndex*, *House of Mamba Negra*, *House of La Raia*, *House of Zion* e *House of Dengo*. Com o fortalecimento e amadurecimento dessa cultura, esse número pode ser rapidamente modificado. Novos grupos podem ser fundados e se tornarem proeminentes nas festas, por outro lado, algumas *Houses* podem deixar de existir.



Imagem 1 – Casa de Candaces. Fonte: Perfil do Instagram ballroomspfcial

O número de integrantes pode variar entre seis e trinta pessoas, contudo é difícil precisar com exatidão. Algumas casas possuem membros em outras cidades que organizam festas regionais, mas mantêm laços com participantes de São Paulo. Outro fator que dificulta a conta são as alterações nas composições, as *Houses* constantemente anunciam novos membros e outros deixam de fazer parte do grupo. O núcleo mais estável nessas configurações são as figuras das Mothers e/ou Fathers.

Além dos encontros presenciais, as *Houses* também possuem perfil nas redes sociais que divulgam informações sobre as festas que serão organizadas, informam sobre trabalhos realizados pelos membros e compartilham fotos e vídeos das performances das festas. Mas para além da difusão das atividades, em casos de necessidade, as páginas promovem campanhas para mobilizar a comunidade da cultura Ballroom para ajudar membros em momentos de necessidade.

As pessoas que competem nas categorias durante as festas, mas não fazem parte dessas estruturas familiares, são chamadas de 007, uma referência ao personagem do agente secreto *James Bond*, de Ian Fleming. Mesmo não participando das *Houses*, essas pessoas fazem parte da comunidade e são reconhecidas pelos demais membros. Os conhecidos como 007 são indivíduos que ainda não foram convidados para participar de uma das *Houses* ou que, por diversos motivos, preferem não se unir a um grupo.

Além das estruturas familiares relatadas, o ritual das festas é importante para reforçar a sociabilidade, propagar a cultura e estruturar as hierarquias internas do grupo. Como lembra Maffesoli (1998, p.25): “o ritual exprime o retorno do mesmo. No caso através da multiplicidade dos gestos rotineiros ou quotidianos, o ritual lembra à comunidade que ela “é um corpo”.

As festas da cultura *Ballroom* observadas seguiram quase sempre o mesmo ritual que será descrito brevemente nos próximos parágrafos. Primeiramente, um ou uma DJ começa a se apresentar. O repertório geralmente é composto por batidas eletrônicas e canções de música pop americana e brasileira. Esse é o período mais descontraído, em que as pessoas estão se posicionando em volta da passarela, conversando e ensaiando alguns passos de dança.

Após o público estar posicionado, aparecerem no palco os/as *chanters* (cantores, em inglês), que os/as responsáveis por conduzir todo o ritual, fazer as rimas que acompanham as performances e esclarecer possíveis mal-entendidos que podem aparecer durante a competição. Os/as *chanters* inicialmente explicam o tema do baile. Dá-se início a um momento chamado de *Grand March* (a grande marcha, em inglês): um a um os membros da *House* que organiza o evento são apresentados e chamados à passarela para uma breve performance de dança ou de desfile.

Os integrantes da Casa que organiza o evento geralmente não podem participar das categorias, para evitar qualquer vantagem injusta em relação aos demais concorrentes. Portanto, essa apresentação inicial é o momento de destaque para os membros da *House* organizadora.

O ritual segue com o momento chamado LSS, sigla que abrevia as palavras *Legends*, *Statements* e *Stars*, que são os títulos dentro da comunidade. Os membros ganham essas designações pelo tempo de contribuição na cultura *Ballroom* e/ou por se destacarem em suas performances. Ter um desses títulos é um sinal de prestígio. Cada um representa um degrau maior dentro da hierarquia: o mais baixo é o *Star* e o mais elevado é o *Legend*.

Existem outras nomeações dentro da comunidade, os *Pioneers* (pioneiros, em inglês) são as pessoas que tiveram os primeiros contatos com a *Ballroom* em uma região e foram os responsáveis por expandir a cultura em um determinado território. Um dos maiores títulos é o de *Icon* (Ícone), dado às pessoas que já criaram um legado na cultura *Ballroom*. Dentro das *Houses* também existem outras denominações, títulos e hierarquias, como príncipes, princesas, imperadores e imperatrizes.

É importante sublinhar que essas nomeações respeitam regras subjetivas que são criadas dentro da comunidade. A distribuição de títulos é feita pelos membros seniores,

principalmente os *Pioneers*. As escolhas, no entanto, não acontecem sem conflitos internos, como ficou explicitado durante a 2000's Ball, evento em que ocorreu as entregas de alguns títulos. Felix Pimenta, *Pioneer* e *Father* da Casa de Pimentas, explicou que “algumas situações chatas” tinham acontecido na comunidade. Sem citar explicitamente o que aconteceu, ele discursou brevemente sobre a importância de seguir as regras para o recebimento de títulos, falou os status dentro comunidade e alertou que os membros não podem desmerecer uns aos outros (Apêndice A).

Posteriormente a *Grand March* e ao LSS, dois rituais que são constantes nos eventos observados durante a pesquisa; outra solenidade é a apresentação dos jurados da noite. O júri é formado por membros que têm prestígio dentro da comunidade *Ballroom*. Eles têm a função de aprovar ou reprovar as performances que são apresentadas e garantir que as regras das categorias sejam cumpridas adequadamente.

Após o cumprimento dos rituais iniciais, as categorias começam a ser disputadas. Inicialmente todas as pessoas que têm interesse em disputar realizam uma performance na passarela. Nesse momento o júri decide se a pessoa continua na disputa ou se ela recebe o *chop* (corte, em inglês), que significa que ela não continuará na disputa.

Os selecionados seguem para a próxima etapa. Iniciam-se as batalhas em que dois participantes competem entre si. Após esse duelo, apenas um é selecionado pelos jurados para continuar na competição. O processo segue até que restem apenas dois participantes que competem pelo chamado *Grand Prize* (Grande Prêmio, em inglês), que geralmente são troféus e valores em dinheiro.

Além das recompensas, ganhar uma categoria traz prestígio para o membro daquela comunidade e para a *House* que essa pessoa pertence. Durante as apresentações, o público bate palmas, estala os dedos, faz gestos de negação com os dedos e canta músicas de incentivo para os participantes. As letras das canções remetem aos nomes das *Casas* que estão competindo. Essa participação ativa do público durante as performances faz parte do espetáculo e é estimulada pelos *Chanters*.

Os jurados têm o papel tanto julgar as performances quanto de estabelecer quais padrões são aceitáveis e quais não são dentro da *Ballroom*. Ou seja, eles são os porta-vozes que definem quais estilos, comportamentos e posturas devem ser almejados pelos participantes que desejam receber os prêmios.

As categorias são pré-determinadas e divulgadas para os participantes por meio das redes sociais, principalmente por meio do *Instagram*. Por meio das postagens das páginas das *Houses* e de perfis que centralizam informações sobre a cultura *Ballroom*, como o *Ballroom*

SP Oficial. As categorias são anunciadas previamente para que os participantes possam preparar os figurinos e as performances. São nos comentários dessas postagens que os membros da comunidade trocam informações sobre as categorias, os figurinos e os prêmios.

As categorias são divididas pelas habilidades dos participantes e estão relacionadas à dança *vogue*, ao desfile, ao figurino, mas também a aparência, como é o caso da categoria Face, que premia o rosto mais expressivo. Os integrantes não podem participar de todas as categorias, algumas são exclusivas para grupos com orientações sexuais e identidades de gêneros específicas, por exemplo, as que são sinalizadas com as letras NB (*Non Binary*) são exclusivas para pessoas não binárias, as BQ (*Butch Queens*) apenas para homens gays, FQ (*Femme Queens*) exclusiva para mulheres trans ou travestis e as TM (*transmasculine*) apenas para homens trans.



Imagem 2 – Disputas de categorias durante a Ball Vera Verão. Fonte: Perfil do Instagram ballveravao.

É comum que os participantes se confundam com as instruções passadas e sejam eliminados porque não se apresentam respeitando o figurino proposto, o tipo de apresentação ou as identidades gênero/ orientação sexual. Durante a 2000's Ball, por exemplo, uma participante foi eliminada porque fez um desfile em vez de uma apresentação de dança (Apêndice A). Nem sempre essas eliminações são bem aceitas pelos participantes e pelo público. Alguns questionam as decisões dos jurados. Outro acontecimento comum é que algumas categorias não recebem nenhuma apresentação ou apenas um integrante realiza uma

performance. Esses casos geralmente são seguidos por uma fala das *chanters*, que explica que a ausência de participantes enfraquece aquela categoria.

Após a realização de todas as categorias, o evento é encerrado. A duração de uma festa pode variar dependendo da quantidade de categorias que serão disputadas. Os eventos observados duraram cerca de quatro horas, sendo que o ritual inicial formado a *Grand March*, LSS e apresentação do júri foi realizado na primeira hora. Alguns momentos são intercalados por breves falas de membros importantes da comunidade sobre assuntos de interesse geral.



Imagem 3 – Disputas de categorias durante a Ball Vera Verão. Fonte: Perfil do Instagram ballveraverao.

Todo o ritual descrito acima e observado nos eventos de Ballroom em São Paulo não foi constituído no Brasil. A cultura *Ballroom* brasileira respeita regras que foram estabelecidas pelas comunidades norte-americanas, em particular as provenientes de Nova Iorque. Isso, no entanto, não quer dizer que não existam algumas adaptações à cultura local. Categorias como “joga a raba” ou “samba no pé”, que se referem às performances de funk e samba respectivamente, apontam para tentativas de adaptação às tradições brasileiras. Contudo, a influência estadunidense ainda é predominante tanto no vocabulário em inglês quanto nos preceitos que são estabelecidos e nas simbologias que são adotadas.

A observação dessas regras obedece a uma lógica de reconhecimento da comunidade brasileira perante a americana ou como observado por Santos (2018, p. 107) um dispositivo de controle:

...a partir dessa amostra do que se considera pertinente dentro dos Ballrooms no Brasil, percebe-se que o manejo linguístico e o uso de expressões ritualizadas dentro das práticas dessa cultura, como será posteriormente

melhor discutido, se apresentam como uma das características dos Ballrooms a qual, caso modificada, compromete todas a possibilidade de reconhecimento por parte dos norte-americanos. Ou seja, o que se percebe é que é na linguagem que as dinâmicas mantidas entre as comunidades americanas e estrangeiras encontram seu maior dispositivo de controle.

Os próprios membros da cultura Ballroom brasileira entendem que as nomenclaturas em inglês são excludentes e dificultam o entendimento (Apêndice C), no entanto, não existe um esforço de tradução durante os eventos e nem na divulgação nas redes sociais. A linguagem em inglês faz parte do ritual que deve ser cumprido.

O cerimonial das festas da cultura *Ballroom* procura mostrar para os novatos quem são as principais referências e ajudam a reafirmar as autoridades que devem ser respeitadas por sua experiência dentro da comunidade. São nesses momentos também que os laços sociais são formados por meio de um sentimento de acolhimento e a ideia de pertencimento tanto a uma comunidade local quanto internacional. Como analisa Maffesoli (1998, p. 25) sobre a criação de grupos similares:

A comunidade, por sua vez, esgota sua energia na própria criação (ou eventualmente, recriação). Isso é o que permite estabelecer um laço entre a ética comunitária e solidariedade. Um dos aspectos particularmente marcantes dessa ligação é o desenvolvimento do ritual. Como sabemos, este não é propriamente, teleológico, isto é, orientado para um fim, pelo contrário, ele é repetitivo e, por isso mesmo, dá segurança. Sua única função é reafirmar o sentimento que um dado grupo tem de si mesmo.

É possível dizer, portanto, que as *Balls* não são apenas eventos festivos da cultura Ballroom, como também são cerimônias ritualizadas que se repetem a cada encontro e que reafirmam para a comunidade seus símbolos, crenças e heróis, auxiliando a formar uma identidade para seus participantes.

### 4.3 DIMENSÃO PROFISSIONAL E ARTÍSTICA

No documentário *Paris is Burning* (1990) diversos entrevistados manifestam o desejo de ter uma carreira artística profissional, como explicita a fala de Willi Ninja: “Quero ser uma grande estrela. Conhecido em cada canto do mundo. Pode ser como coreógrafo, um famoso dançarino, um cantor... ou tudo isso”. Após a divulgação do filme, ele se tornou o personagem do filme que mais ganhou notoriedade pelas suas habilidades artísticas. Foi dançarino em videoclipes musicais e desfilou para importantes estilistas.

Willi Ninja, no entanto, é uma exceção. Os demais personagens registrados por Jennie Livingston não tiveram carreiras artísticas que rompessem as fronteiras da cultura *Ballroom*.

Por um curto período o *voguing* fez sucesso nas pistas de dança, principalmente por causa do sucesso da música *Vogue*, gravada por Madonna, em 1990. A popularidade do estilo de dança, no entanto, trouxe oportunidades de carreira apenas momentâneas para grande parte dos membros da comunidade americana, uma vez que o *voguing* não foi contextualizado como parte de uma cultura mais abrangente.

A empregabilidade de membros da comunidade Ballroom é pauta constante entre os participantes dessa cultura em São Paulo, conforme observado nas festas (Apêndice A) e na série de vídeos “*Ballroom nas Redes*” (Apêndice C). O tema está relacionado às dificuldades e as barreiras de acesso ao mercado de trabalho para pessoas que compõem a comunidade, ou seja, o recorte de pessoas transexuais, periféricas e negras.

De acordo com o “Mapeamento das pessoas trans no município de São Paulo”, realizado pelo Centro de Estudo de Cultura Contemporânea (Cedec) da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania do Município de São Paulo, o tipo de vínculo de trabalho mais comum entre as travestis é o emprego informal ou autônomo (72%). Essa relação de trabalho também é a mais comum entre as mulheres trans (62%) e pessoas não binárias (59%) (CEDEC, 2021). O mesmo estudo apontou que entre a população entrevistada a principal ocupação declarada é a de profissionais do sexo, acompanhantes e garotas de programa que representa 46% para o grupo de travestis e de 34% mulheres trans.

O levantamento também mostrou que uma parte significativa das pessoas trans pesquisadas recebem entre meio e dois salários-mínimos por mês: 33% recebem de R\$ 523,00 a R\$ 1.045,00 (33%) e 34% recebem de R\$ 1.046,00 a R\$ 2.090,00 (CEDEC, 2021).

Diante de trabalhos precários, da baixa renda e da dificuldade em acessar o mercado de trabalho formal, a Cultura *Ballroom* é vislumbrada como uma opção de trabalho ou como uma forma de complemento de renda para muitos membros. É importante ressaltar que as possibilidades de remuneração dentro da comunidade em São Paulo são recentes e ainda limitadas, dependem das verbas adquiridas por meio editais públicos ou pelas iniciativas de empresas privadas.

Os primeiros eventos e encontros da comunidade em São Paulo aconteceram de forma amadora em pequenos espaços ou na casa de membros das Houses. Essa prática ainda é recorrente em cidades com poucos habitantes ou em locais que a comunidade possui poucos participantes, como apontam alguns membros da comunidade Ballroom de cidades do norte e do nordeste (Apêndice C). Os membros da cultura Ballroom da cidade de São Paulo, no entanto, já se organizam de forma coletiva para que as festas aconteçam de forma mais estruturada e profissional. Alguns eventos da comunidade envolvem a cobrança de ingressos e

patrocínio de marcas. O valor arrecadado é usado para remunerar os profissionais e, quando possível, oferecer prêmios em dinheiro para os vencedores das categorias.

Nos últimos anos, a Cultura Ballroom ganhou mais espaço na mídia por meio de produções como a série *Pose* (2018), uma ficção sobre as festas e as *Houses* nos anos 1980; e o reality show *Legendary* (2020), competição de *voguing*. Os participantes da cultura em São Paulo perceberam que essa popularização ajudou a trazer mais pessoas para as festas, o que gera mais receitas com a venda de ingressos e também um maior interesse de empresas e marcas que buscam se associar com esse público.

Dos três eventos observados para a realização deste trabalho, dois aconteceram em centros culturais (no Sesc Avenida Paulista e no Museu da Língua Portuguesa) que proporcionam o espaço físico e suporte para a festa, além da contratação artística dos participantes. O terceiro evento observado contou com apoio da Casa 1 e da marca de bebidas Absolut. A empresa também realizou uma campanha chamada “Família se Escolhe Sim”, em que três *Houses* (Candaces, Mutatis e Blyndex) receberam uma parte do dinheiro obtido com as vendas de bebidas no site da *Absolut*.

Em cada uma das festas observadas foi possível notar que uma cadeia de pessoas trabalhou para que os eventos fossem realizados. Esses profissionais podem ser divididos em dois grupos: o primeiro, formado por profissionais envolvidos na segurança, na limpeza e na comercialização de comidas e bebidas. O segundo, composto por pessoas responsáveis pela produção do evento, comunicação, apresentações musicais, registros fotográficos e audiovisuais. As funções do último grupo quase sempre são exercidas pelos próprios membros da comunidade Ballroom, enquanto o primeiro grupo geralmente é formado por pessoas contratadas.



Imagem 4 - Batalha de Vogue no ProsperiBaile. Fonte: Perfil do instagram casademutatis.

A dança é a principal porta de entrada para que muitas pessoas ingressem na comunidade *Ballroom* de São Paulo. Diversos membros atuam como professores de dança e regularmente se dedicam às aulas de *vogue* e de outros ritmos ligados às danças urbanas. Mas a comunidade é formada por pessoas com diversas habilidades artísticas, entre eles DJs, produtores musicais e culturais, cantores, mestres de cerimônia, apresentadores, fotógrafos, equipes de audiovisual, designers, maquiadores e estilistas.

Muitos trabalham por cachês que não correspondem ao valor que é geralmente cobrado no mercado (Apêndice C), mas aceitam realizar como uma forma de contribuição para a própria comunidade. Para os membros que não tiveram formação técnica ou experiência prática para exercer essas funções, as festas então se tornam um espaço para que essas pessoas possam treinar suas habilidades e se profissionalizar, como aponta a fala de Ákira Avalanx, no vídeo *Ballroom nas Redes: Tudo tem a sua história* (CASA DE MUTATIS, 2022):

As pessoas começam a ver a comunidade Ballroom como uma potência [...] se sei fazer x coisa eu posso experimentar isso na comunidade Ballroom, e começar a produzir e levar isso para a vida. Então, pode se tornar uma profissão. Por exemplo, uma pessoa x canta, ela estuda para isso, ela pode praticar isso na Ball. Então isso seria uma forma de profissionalizar também essas pessoas...

O desenvolvimento desses profissionais dentro da comunidade já gerou oportunidades para alguns membros. Um exemplo é a *chanter* Sodomita Mutatis, que já gravou algumas músicas e fez participações em eventos como o festival de música *Rock in Rio*. Outros exemplos são os DJs EveHive e Gaia Mutatis que criaram uma produção musical para uma campanha do *YouTube* (Apêndice C). A perspectiva da comunidade é que o crescimento e fortalecimento da cultura *Ballroom* resulte em maiores cachês para esses profissionais envolvidos nas festas e que também traga mais oportunidades profissionais para essas pessoas fora dos eventos da *Ballroom*.

As produções artísticas foram durante o século XX um dos campos mais receptivos a empregar homens abertamente homossexuais e que contribuíram para uma mudança social em relação à imagem dessas pessoas na sociedade. Segundo James Green (2022, p.430):

Contudo, com a receptividade do público de classe média às belas travestis, aos artistas andrógenos, às peças de temática homossexual e com o surgimento, enfim, de uma intelligentsia literária gay, a atitude popular em relação à homossexualidade começou lentamente a mudar.

Apesar das ainda nascentes oportunidades de trabalho, alguns membros da comunidade frequentam as festas sem o intuito de se profissionalizar, mas como uma forma de lazer e de se expressar artisticamente.

#### 4.4 DIMENSÃO POLÍTICA

A observação dos eventos mostrou que muitos participantes da comunidade entendem que a cultura *Ballroom* possui um teor político. Promover a visibilidade de grupos que foram historicamente marginalizados em espaços culturais é, para esses membros, uma forma de promover mudanças sociais. Um dos exemplos é a fala das *chanters* durante a Masqué Ball, no Sesc Avenida Paulista (Apêndice A): "muito feliz de ver essa casa cheia. É uma casa que normalmente não nos acolhe bem [...] vamos ocupar esse lugar e destruir essas estruturas".

A celebração e o acolhimento de corpos negros, periféricos e LGBTQIA+ são compreendidos também como um ato de resistência a uma perseguição institucional direcionada aos corpos desviantes. Constantemente os pioneiros, mothers e fathers enfatizam para novos membros a importância política das festas e dos demais eventos da comunidade, essa ideia é expressa na fala de Tetê Moreira durante a *Ballroom nas Redes*: "Se você pisou neste lugar, você precisa ter consciência política porque para você dar o *close* na sua ball, você precisa de políticos em todas as instâncias que nos apoiem e queiram que nossas vidas existam. Não dá para ser despolitizado na *Ballroom*" (CASA DE MUTATIS, 2022).

Diversas vezes, durante as observações realizadas para este trabalho, os participantes afirmaram que a cultura *Ballroom* é uma cultura afrodiáspórica. A festa “Kiki Ball Afrodiáspórica”, organizada desde 2017, também evidencia essa relação entre os temas da *Ballroom* e as pautas relacionadas ao ativismo negro. Nesse evento, apenas pessoas negras podem disputar as categorias. Na edição de 2021, por exemplo, alguns temas foram afrofuturismo, provérbios africanos e o povo malê.

Essa ligação também é explicitada na fala de Félix Pimenta durante o 2000’s Ball (Apêndice A): “[A *Ballroom*] é uma cultura afrodiáspórica. É sobre reconhecer quem veio antes. É sobre reconhecer ancestrais. É sobre criar uma projeção de futuro para você”. Outro exemplo é “House of Black Velvet”, uma casa em que todas as participantes são mulheres negras e se definem como “Kiki House que luta pelo povo preto” no perfil do *Instagram* da casa.

A origem da cultura *Ballroom* está amplamente relacionada às questões da comunidade gay, negra e latina nos Estados Unidos. A origem está expressa nas músicas, na dança e na língua inglesa. O discurso da comunidade parece afastar do cenário americano e aproximar de um contexto mais abrangente da diáspora negra pelo mundo, que encontra mais similaridades com a realidade brasileira.

O envolvimento político da comunidade *Ballroom* também acontece por meio de ações conjuntas com organizações e a favor de diversas causas, uma das principais está relacionada à doenças sexualmente transmissíveis.

Desde 1990, a comunidade americana teve um papel ativo no debate sobre saúde, principalmente em questões relacionadas ao vírus HIV e à Aids. Uma das festas mais antigas é a “Latex Ball”, organizada anualmente pela *Gay Men's Health Crisis* (GMHC), que surgiu como uma forma de chamar a atenção para questões relacionadas à prevenção e testagem. O evento reúne entre 2500 e 3000 pessoas a cada edição (BAILEY, 2005).

No Brasil, existem algumas iniciativas semelhantes relacionadas às políticas de saúde pública. Como apontado pelos membros da comunidade durante o *Ballroom nas Redes* (Apêndice C), algumas festas contam com a participação de Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA) móvel no local do evento, o serviço oferece testagem para doenças sexualmente transmissíveis e orienta sobre as profilaxias pré e pós-exposição (PrEP e PEP).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante retomar as perguntas feitas na introdução deste trabalho e que guiaram a realização da pesquisa: por que essa cultura americana, que ganhou seus contornos em 1970, começou a ser adotada no Brasil nos últimos anos? Qual a motivação dos participantes para se envolverem com a *Ballroom*? Existiam lacunas nas sociabilidades de pessoas negras, pobres e LGBTQIA+ que essa cultura está preenchendo?

Os dados coletados por meio dos métodos etnográficos e netnográficos e a fundamentação teórica apontam para a seguinte consideração: a adoção da cultura Ballroom na cidade São Paulo é, por um lado, um processo de continuidade de práticas que já eram historicamente estabelecidas e, por outro lado, traz uma nova perspectiva em relação à empregabilidade e aos debates políticos referentes a essas populações.

As redes de apoio e famílias escolhidas por homens gays e travestis já existiam em São Paulo e em outras cidades do Brasil em meados do século XX, como aponta James Green (2022). Os símbolos, ritos, títulos, regras e hierarquias da comunidade Ballroom parecem possibilitar a criação de uma instituição que dá forma e regulamenta essa antiga prática de ajuda mútua, apoio e cuidado. Além de ampliar essas práticas para outros grupos com orientações sexuais e identidade de gênero diversos, com ênfase nos recortes sociais e raciais.

Essa sistematização institucional tem o potencial para criar novas perspectivas de empregabilidade, uma vez que é feita para e por pessoas da comunidade. As oportunidades profissionais estão relacionadas tanto aos cachês das pessoas que trabalham nas festas, quanto à profissionalização e atuação para fora da comunidade por meio dos talentos desenvolvidos durante os eventos. A *Ballroom* é também um espaço seguro para que essas populações se expressem artisticamente e desenvolvam uma estética, que está ao mesmo tempo amplamente relacionada ao cânone da comunidade americana e que caminha para uma adaptação para uma cultura brasileira, como já indicava essa possibilidade o trabalho de Santos (2018).

As manifestações políticas fazem parte das festas e dos encontros, no entanto, o principal avanço do grupo na direção política se dá principalmente por meio da participação de editais públicos e por meio da ocupação de espaços culturais para a realização das atividades. A visibilidade da criação artística de pessoas que interseccionam em sua existência as realidades negras, LGBTQIA+ e periféricas parece ser um importante caminho para ampliar o debate sobre as oportunidades e preconceitos em relação a esses corpos.

As considerações sobre esta pesquisa são apenas uma introdução a uma cultura que ainda está em desenvolvimento na cidade de São Paulo e em todo o Brasil, e que merece

estudos mais aprofundados devido a sua complexidade e potencial em relação à cultura, sociabilidade, política e a empregabilidade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Código Penal**. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1851-1899/d847.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm). Acesso em: 4 mar. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da linguagem**. Tradução Renato Aguiar. 22ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BUTLER, Judith. **Corpos Que Importam: os limites discursivos do "sexo"**. São Paulo: n-1 edições, 2020.

BAILEY, Marlon Murtha. **The labor of diaspora: Ballroom culture and the making of a black queer community**. 2005. 522 p. Tese (Doutorado em Filosofia em African American Studies and the Designated Emphasis & Women, Gender, and Sexuality) University of California, Berkeley, 2005.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CASA DE MUTATIS. Ballroom nas Redes. YouTube, 3 de maio de 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/playlist?list=PL2rBINvSVT09p\\_OUmiYUaJV2iY-ATbt4O](https://www.youtube.com/playlist?list=PL2rBINvSVT09p_OUmiYUaJV2iY-ATbt4O). Acesso em: 7 mai. 23.

CEDEC - CENTRO DE ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA. Mapeamento das Pessoas Trans na Cidade de São Paulo: relatório de pesquisa. São Paulo, 2021. Disponível em: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/direitos\\_humanos/LGBT/AnexoB\\_Relatorio\\_Final\\_Mapeamento\\_Pessoas\\_Trans\\_Fase1.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/direitos_humanos/LGBT/AnexoB_Relatorio_Final_Mapeamento_Pessoas_Trans_Fase1.pdf). Acesso em 7 mai. 23.

CRENSHAW, Kimber. Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**, p. 139, 1989.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

GREEN, James Naylor; TRINDADE, Ronaldo; DA SILVA, José Fábio Barbosa. **Homossexualismo em São Paulo: e outros escritos**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso Editora, 2014.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In. SILVA, Tomaz. T. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2008. Cap.3, p.103-133.

LIVINGSTON, Jennie. *Paris is Burning*. Burbank: Miramax Home Entertainment, 2005.  
RIGGS, Marlon. Tongs Untied. Documentário, 55m, EUA, 1989.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. São Paulo: Forense Universitária, 1988.

PEIRANO, Mariza G. S. **A favor da etnografia**. Anuário Antropológico, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 197–223, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6535>. Acesso em: 18 fev. 2023.

PERANDA, Cuauhtémoc. **The doing of vogue: lgbt black & latina/o Ballroom subculture, voguing's embodied fierceness, and the making of a queer world on stage**. 2010. 107 p. Tese de Doutorado. Departamento de Comparative Studies in Race and Ethnicity, Stanford University, 2010.

SANTOS, Henrique Cintra. **A transnacionalização da cultura dos Ballrooms**. 2018. 180 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2018.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2011.

## Apêndice A

Descrição de eventos da comunidade Ballroom observados para a pesquisa.

### 2000's Ball

No dia 20 de novembro de 2022, às 18h, compareci a festa 2000's ball, organizada pela Casa de Candaces, com apoio da marca de bebidas Absolute e da ONG Casa1. Fiquei sabendo da festa por meio do Instagram pelo perfil ballroomspoficial, que divulga eventos e “faz registro das atividades, ações e memória da comunidade Ballroom do estado de São Paulo”, como define a própria página. O tema dessa festa eram os anos 2000, com roupas, figurinos que remetiam ao período.

O evento aconteceu em um espaço chamado “/co”, na Rua Achilles Orlando Curtolo, 649, na Barra Funda, na zona oeste da cidade. A entrada do espaço não ficava na rua. Era preciso andar por dentro de um estacionamento para acessar a entrada. Quando cheguei estava chovendo e uma mulher, que fazia parte da organização, recebia o público com um guarda-chuva. No portão, formou-se uma curta fila de cerca de cinco pessoas, algumas já estavam

vestidas com os trajes que faziam parte do tema da festa. Após apresentar meu ingresso, que custou R\$27,50, adquirido por meio do site Sympla, entrei no espaço.

Após entrar, percorri as três salas do local: o primeiro, à direita da porta de entrada, estava um local amplo que abrigava alguns sofás, o banheiro, o bar e uma loja com algumas roupas à venda. Logo que cheguei, avistei uma imensa fila para ir ao banheiro. Acredito que muitos dos participantes estavam usando o espaço para se preparar para a Ballroom, colocando os figurinos e maquiagem necessários para suas apresentações.

Saindo a direita, percorri o espaço que foi preparado para a Ballroom. No centro da sala estava uma passarela com piso de linóleo, nas laterais foram colocadas três cadeiras de fileiras dos dois lados que percorriam a sala inteira. A distribuição dos elementos no espaço lembrava muito o das passarelas de desfiles de moda. No fundo do palco, havia uma mesa com cinco cadeiras. Em cima do palco estava uma mesa com um computador, alguns aparelhos eletrônicos e caixas de som; era a mesa da DJs que já estavam posicionadas: Evehive Cosmos e Gaia Mutatis. Uma música eletrônica alta tocava. A sala era decorada com globos espelhados, samambaias que pendiam do teto, luzes e papéis coloridos.

Uma grande porta levava para o espaço externo que tinha duas barracas de comida. Vários participantes aguardavam o começo do evento nesta área externa. Eles conversavam e alguns fumavam cigarros.

Decidi aguardar o começo da Ballroom na sala onde o evento principal iria ocorrer. Notei que as cadeiras que estavam vazias estavam “reservadas” com casacos, bolsas e outros pertences. Fiquei posicionada do lado direito da sala atrás da última fileira de cadeiras. Fiquei nesse primeiro momento observando as pessoas à minha volta. Principalmente, um grupo de homens que vestiam roupas com a barriga de fora, alguns de saia e outros de shorts curtos que aproveitavam o som e ensaiavam passos de vogue. Eles eram quase todos negros e aparentavam ser muito jovens. Eles estavam muito animados e alegres dançavam e riam o tempo todo, enquanto as demais pessoas procuram cadeiras disponíveis ou buscavam um espaço para se posicionar.

O público era formado por um grupo diverso de homens e mulheres trans, travestis e gays. Pessoas cisgênero heterossexuais e lésbicas pareciam ser a minoria. As pessoas se cumprimentavam com beijos no rosto ou gesticulavam um aceno efusivo com as mãos. Muitas pessoas pareciam já se conhecer.

O evento começou por volta das 18h30, quando Zaila Candance, Mother da Casa de Candace, anunciou o começo da ball. Na primeira parte, como faz parte do ritual da Ballroom

foram apresentados um por um os integrantes da Casa de Candace, formada em sua maioria por mulheres trans e travestis. Cada um dos integrantes aparecia saindo da parte lateral direita do palco. Faziam alguns passos de dança, desfilam na passarela, acenam para o público e jogam beijos. Os jovens que estavam anteriormente na passarela continuam por ali, mas se recolhem para parte inicial da passarela formando um círculo em volta das performances. Eles vibravam e aplaudiam efusivamente cada um dos participantes da Casa de Candace que apareciam na passarela. Ao lado do palco, uma câmera no tripé gravava todos os momentos. Na passarela, uma mulher com uma câmera tirava fotos.

Após esse momento, foram apresentados “Pioneers” que estavam presentes no evento. “Pioneers” são as pessoas que estão a mais tempo na comunidade e que ajudaram a organizar a cena Ballroom em São Paulo. É o título mais alto alcançado dentro da cultura Ballroom, eles são os responsáveis por distribuir os demais títulos. Cinco pessoas foram chamadas na passarela. Eles fizeram uma breve dança. Dois do pioneers foram homenageados pela Casa de Candace e assumiram o microfone para falar algumas palavras: Akira Avalanx e Felix Pimenta.

Felix falou sobre a importância da coletividade na Ballroom e sobre seu entendimento da Ballroom como uma cultura afrodiáspórica. Ele também comentou sobre a insatisfação de alguns membros em relação à distribuição de títulos. Akira reforçou as falas de Felix.

Os dois pioneers passam para os momentos em que alguns membros da comunidade são nomeados com os títulos de statement, star e legend. Eles foram até o palco receberam uma placa com alguns dizeres e fizeram uma curta apresentação de dança ou desfilaram pela passarela. Uma dessas apresentações chamou minha atenção porque era uma mistura de vogue com capoeira. Alguns ficaram muito surpresos, emocionados e choraram durante a nomeação. Os anúncios tomaram bastante tempo. Após esse momento, foram chamados todos os membros que já tinham algum título para serem reverenciados pelo público. Os organizadores estavam muito preocupados com o tempo e pediram para que os anúncios fossem feitos mais rapidamente. Após esse preambulo que demorou cerca de uma e meia, as categorias realmente começaram.

Após esse momento, os jurados começaram a se posicionar na mesa que está na frente do palco. Foram eles: Cussy Candace (travesti), Aru Cabal (homem trans), Dante Barracuda (homem trans), Felix Pimenta (homem gay) e Zaila (mulher trans). As “chanters” apresentadoras da noite foram Thita e Nubia Candace.

A primeira categoria da noite foi dedicada aos “beginners”, ou seja, os membros novatos da comunidade. O tema foi a banda mexicana RBD. A descrição na página do Instagram da Casa de Cadance dizia: "Que RBD marcou a geração jovem dos anos 2000 isso é um fato, a banda nascida na novela REBELDE conquistou muitos fãs pelo mundo com sua irreverência, estilo próprio e presença e agora queremos que mostrem aos jurados o quão rebelde e única sua performance é".

Cada participante tinha que se trajar de acordo com um personagem e mostravam uma foto de referência para os jurados. Um a um os participantes apareciam na passarela e faziam movimento de vogue, enquanto se exibiam para os juízes. A maioria usava saias curtas, blusas curtas, botas na altura do joelho e gravatas que remetiam ao figurino do elenco da novela.

Nessa e nas outras categorias que se seguiram, se todos os jurados levantassem seus pompons de torcida coloridos, os concorrentes seguiriam na disputa. Caso um dos jurados não levantasse o pompon, essa pessoa era eliminada da disputa, o termo usado para esse acontecimento era "chop" (palavra em inglês que significa corte).

Todos os participantes que passaram por essa primeira aprovação dos jurados seguiam na competição. A segunda fase consistia em disputas entre dois concorrentes. Juntos, eles se apresentavam para os jurados fazendo passos de vogue, após alguns minutos os jurados apontavam para seu preferido que seguia na disputa. Dessa forma, seguiam as disputas até sobrar apenas um. Essa pessoa era declarada campeã (grand prize) da categoria, ganhava um troféu e era chamada pela fotógrafa para tirar uma foto.

Após a disputa da categoria beginners, um garoto alto, branco, com cabelo escuro liso levou o prêmio. Ele é membro da Casa de Pimentas.

Nessa e nas demais categorias que se seguiram, o público batia palmas, enquanto as chanters improvisavam rimas e músicas no microfone e animavam as pessoas. Algumas pessoas faziam gestos de "não" com o dedo indicador e outras estralavam os dedos. Quando um dos participantes fazia um passo de dança conhecido como "drop dead" ou "dip", o público dobrava e abria os braços acompanhando o movimento do participante e emitiam um som parecido com "blau".

Quando um dos participantes pertencia a uma casa específica, o público cantava uma música referente. Caso a pessoa não pertencesse a nenhuma casa, essa pessoa era conhecida como 007. Nesses casos, também o público cantava uma música específica. Nem sempre era possível entender, todas as palavras que as pessoas gritavam.

A próxima categoria foi intitulada de "Face" e tinha como tema as rainhas do pop, essa categoria era dedicada para figuras femininas, sejam elas cis ou trans. A descrição na página

do Instagram da Casa de Cadance dizia: "Nos anos 2000, tínhamos nossas rainhas do hip hop com Lil' Kim, Missy Elliot, Lauryn Hill, Queen latifah, Aaliyah e Negra li, com sobancelhas finas, sombras cintilantes, lábios contornados e muito gloss, elas criaram e enaltecem essa estética. Sirva sua beleza inspirada nessas rainhas que são eternas referências".

A maioria das concorrentes desfilava com calças largas e tops apertados. Algumas usavam bandanas na cabeça. Nessa categoria, as participantes chegavam bem perto da mesa dos jurados e faziam movimentos com as mãos perto do rosto. A ideia era acentuar a beleza de suas faces para os juízes. Após a disputa, a vencedora foi uma mulher negra que é mother da Casa de odara

A próxima categoria foi team joga a raba, mas nenhum concorrente apareceu para disputar essa categoria.

A festa continuou com a disputa da categoria que é dedicada aos commentator, essas pessoas costumam assumir o papel de chanters nas festas e criam rimas ao som das batidas dos DJs. O tema era "Orkut e MSN, não me chama atenção porque eu estou ausente". Para disputa era obrigatório usar as palavras orkut e msn nas rimas. Cinco candidatos se apresentaram. A chanter enfatizou como foi importante ver essa categoria cheia e falaram sobre a importância de fomentar os commentator. Elas falaram sobre a importância das Houses abrigarem pessoas com diversas habilidades que vão além da performance, como comentators, Djs, produtores entre outros. Os competidores traziam referências de músicas e personagens dos anos 2000. O vencedor foi um membro da House of Madacaru.

A próxima categoria foi a disputa de NB (não-binário) performance. O tema era inspirado nos personagens dos quadrinhos X-Men. Os candidatos tinham que apresentar para os jurados fotos dos personagens que estavam vestidos. Entre os personagens que foram apresentados estavam Tempestade e a Feiticeira Escarlata. Um dos participantes da Casa de Pimentas é cortado, aparentemente ele não trouxe referências do tema. Um participante aparece com o corpo todo coberto com tinta azul, em referência a personagem mística, e faz um desfile na passarela. O público aplaudiu e ficou impressionado. O participante, no entanto, é eliminado porque a categoria pediu uma performance de dança, o que não foi apresentado.

As chanters pedem o aplauso do público para aquela produção. No total, seis pessoas se apresentaram para a disputa e dois foram cortados na primeira rodada. O vencedor é um 007 que estava vestido como a personagem Tempestade.

A festa seguiu para a próxima categoria que era TM (trans masculino) performance. O tema era personagens da TV dos anos 2000. Apenas um concorrente da Casa de Mutatis apareceu para disputa, vestido como o personagem Wolverine. O concorrente pegou o

microfone e falou sobre os trans masculinos que estavam chegando na cena Ballroom e pediu para que eles fossem incentivados a participar das categorias.

As categorias foram brevemente interrompidas para a apresentação da artista musical Leona Vingativa. As categorias são interrompidas para um breve intervalo.

A próxima categoria FQ (femme queen) performance é dedicada exclusivamente às mulheres trans e travestis. O tema tinha como referência a seleção brasileira de futebol e copa do mundo. Quatro candidatas se apresentaram para a competição e seguiram para a próxima fase. Duas participantes foram cortadas na primeira fase. A vencedora foi a pioneira Akira Avalanx.

A festa segue com a categoria Fashion Killa. O tema era street wear inspirado nos anos 2000. Um dos jurados explicou a diferença entre as categorias best dressed e Fashion killa. A primeira estava relacionada à roupa e elegância. A segunda à performance que vai além da moda e estava relacionada à atitude dos participantes. O primeiro candidato apareceu sem calças e com rosto coberto. Ele começou a pichar uma calça com um spray e a veste e começou a desfilar pela passarela. No total, 19 pessoas foram qualificadas para as batalhas. A categoria foi vencida por um 007 que vestia roupas feitas de jeans cortadas.

A próxima categoria foi uma performance que apenas disputam as pessoas que são consideradas lideranças da comunidade Ballroom. Para essa categoria o tema se referia a MTV e os candidatos tinham que trazer fotos como referência para mostrar para os jurados. Apenas duas pessoas participam da categoria. As chanters pareciam decepcionados com a pouca adesão dos líderes da comunidade Ballroom e falaram sobre a importância de ver essas pessoas caminhando nas categorias, principalmente como um incentivo aos iniciantes

A próxima categoria é Runway. O tema era roupas jeans. As habilidades de desfiles dos participantes são avaliadas. Trinta pessoas se apresentam na categoria e seguem para as batalhas. Quatro pessoas são cortadas na primeira rodada. As chanters elogiaram a alta adesão da categoria e incentivaram os participantes a tirar uma foto coletiva. Depois de várias rodadas, a vencedora foi uma participante da House of Blyndex.

A festa segue com a categoria Melhor Tamanca, as chanters enfatizaram que, apesar do nome, poderiam ser apresentados qualquer calçado que representasse os anos 2000. Seis pessoas apareceram para a disputa. Alguns usavam sandálias coloridas com saltos muito grandes. A vencedora foi uma mulher que vestia uma bota com saltos plataforma.

A próxima categoria foi BQ (Butch Queen) performance. A inspiração para esse tema era personalidades da cultura pop dos anos 2000. Cinco pessoas se apresentaram e passaram para as batalhas. Como quatro pessoas pertenciam à mesma casa, a House of Dengo, uma

única pessoa teria que competir com um representante da casa. Por regra, as batalhas entre membros da mesma casa são evitadas. O vencedor foi o representante da House of Dengo.

As Chanters anunciaram a próxima categoria Vogue Oldway, que é a forma mais antiga e tradicional de dançar vogue. A apresentação foi feita por seis pessoas que vestidas com camisa e ternos fizeram uma performance que mistura vogue e passos de dança do cantor Michael Jackson. Essa categoria parecia ter os passos de dança e os figurinos mais elaborados.

A próxima categoria era Vogue Femme OTA (que significa Open to all, ou seja, que a categoria estaria aberta para todos). A categoria tinha como tema os Emos. Os candidatos se apresentaram com roupas pretas, perucas e luvas. Oito pessoas se apresentam na categoria aos gritos de um público muito animado. O participante da House of Dengo venceu a categoria.

A festa seguiu para a categoria TM Realness (Trans Masculino). A ideia dessa categoria é que homens trans mostrem suas roupas e atitudes masculinas com inspiração nas personalidades dos anos 2000. Vários dos participantes se vestiam como rapper dos anos 2000, com camiseta de times de basquete americano, calças largas, colares grossos e lenços amarrados na cabeça. Oito participantes se apresentaram. O vencedor foi da House of Babilônia.

As chanters anunciaram que Body era a próxima categoria. O tema era tatuagem. A ideia nessa categoria é exibir o corpo. Os candidatos aparecem usando calcinhas e sutiãs ou roupas curtas que mostram o corpo. Nove pessoas participam dessa categoria.

A última categoria da noite é Legendary Performance. Antes de começar essa categoria, as chanters pedem que o público fazer o L com as mãos, que significa o Lendary, mas também significa um apoio à candidatura de Lula à presidência. O tema da categoria eram as divas pop dos anos 2000. Apenas duas pessoas participam dessa categoria. A vencedora pertence a House of Mamba Negra.

### **Relato – Ball Masqué**

A Ballroom Ball Masqué aconteceu no dia 4 de fevereiro de 2023, às 19h, no Sesc Avenida Paulista. Fiquei sabendo do evento por meio do perfil do instagram ballromsooficial. Os ingressos custavam R\$30 a inteira, R\$15 a meia e R\$10 para credenciados do Sesc.

A apresentação fazia parte do projeto “Noites Quentes de Verão” e a descrição do evento no site do Sesc Avenida Paulista dizia: "Ball Masqué propõe um espaço de celebração e reflexão acerca da experiência de contestar e resistir, em que identidades ditas dissidentes manifestam suas performatividades. Trazendo consigo o deboche, a ferveção e a

carnavalização como armas políticas, criam ornamentos que desestabilizam os padrões binários de gênero e sexualidade estabelecidos culturalmente. Uma grande festa é um acontecimento político, momento de celebrar a vida e a ancestralidade em constante movimento".

O evento foi organizado pelo coletivo Marsha! e pela plataforma Explode!. O Marsha! que se descreve como uma coletividade sociocultural de produção artística e política, composta por pessoas trans e travestis, que promove ações afirmativas em prol da reintegração social, cidadania plena, prosperidade e restituição das humanidades da população transgênera desde 2018 na cidade de São Paulo.

Explode! se descreve como uma plataforma que atua a partir dos campos da arte e da cultura, em intersecções com a pedagogia, a justiça social, entre outros. Fomenta e desenvolve pesquisa e experimentação em torno de práticas que discutem o corpo e suas intersecções de classe, raça, gênero, sexualidade e suas possibilidades não normativas.

Por ser funcionária do Sesc, consegui um ingresso cortesia para o evento. A Ballroom aconteceu no 13º andar do imponente e moderno prédio localizado na Avenida Paulista, 119. Ao chegar no andar, em um pequeno hall perto dos elevadores, algumas pessoas já estavam esperando para entrar no ambiente. Por volta das 19h15, as portas se abriram e as pessoas começaram a entrar em um grande salão.

No fundo, havia um bar que vendia refrigerantes, água e cervejas. No lado oposto, foi montado um palco e uma passarela. No lado direito, estava uma aparelhagem do som. O ambiente estava decorado com um estandarte escrito Marsha!, outro escrito Ball Masqué e alguns enfeites de carnaval. Em um dos cantos tinha um letreiro em neon escrito "Noites Quentes de Verão".

Ao entrar no salão, percebi que faltavam alguns preparativos para o evento começar. Algumas pessoas arrumavam as cadeiras que estavam em cima do palco. Parte do público se acomodou em puffs enquanto esperavam o início da atividade. Alguns ficaram olhando para o celular ou conversando com os amigos. Uma música tocava ritmos eletrônicos. O evento começou 1h30 depois.

As primeiras pessoas que subiram ao palco foram as cantoras Zaila Candaces e Sodomita Mutatis e os DJs OM Evehive Cosmos e Gaia Mutatis. Mais pessoas começaram a chegar. Algumas se conheciam e se cumprimentavam com animação. Algumas pessoas dançavam alguns passos de vogue.

As categorias disputadas foram divulgadas previamente pelo perfil do instagram ballromsooficial. A sequência era: Fashion Killa: Papangu Bate Bola, Runway: Corpo

EstandArte, Face Masqué: Melhor Máscara, Vogue Frevo OTA, Tag Team Realness: Mestre Sala e Porta Bandeira e Samba no Pé: Eloína dos Leopards.

O evento começou com o momento chamado LSS, em que os membros da comunidade se apresentaram em curtas performances. Posteriormente, foram chamados um a um na passarela os membros das seguintes Houses: Mutatis, Black Velvet, Cabal, Mamba Negra, Cosmos, Odara, Dengo, Blyndex, Avalanx, Hands up, Unique, La Raia, Valentino, Pimenta, Candaces e, por fim, os 007. Os grupos fizeram curtas performances de vogue ou desfiles. O público acompanhou cantando músicas com os nomes das casas. Alguns grupos eram numerosos, outros tinham apenas um ou dois membros presentes.

Após esse momento, os organizadores do evento foram chamados ao palco para fazer uma breve fala. Uma das organizadoras disse: "muito feliz de ver essa casa cheia. É uma casa que normalmente não nos acolhe bem [...] vamos ocupar esse lugar e destruir essas estruturas". As chanters então perguntaram quem estava numa ball pela primeira vez. Algumas pessoas levantaram a mão. Zaila Candaces falou que muitas vezes elas tinham o discurso endurecido com as pessoas que estavam chegando porque a cultura delas foi apropriada de diversas formas. "Sintam-se desconfortáveis e respeitem os corpos", disse Zaila.

Neste momento foram apresentados os jurados da noite: Thita Dengo, Ayana Mutatis e Puri Candaces. Os jurados surgiram na ponta da passarela e fizeram performances. Puri Candaces foi o único que usou uma fantasia cheia de tecido pendurados e uma maquiagem que cobria seu rosto.

A primeira categoria foi "Fashion Killa: Papangu Bate Bola", a disputa estava relacionada a apresentação de figurino. Nenhuma pessoa apareceu para competir e a categoria foi fechada. A categoria foi reaberta posteriormente. Apenas uma pessoa se apresentou na passarela, um membro que pertence a casa de Babilônia.

A próxima categoria foi "Runway: Corpo EstandArte". Apenas duas pessoas se apresentaram na categoria. As chanters conversaram com a produção do evento e decidiram abrir uma exceção devido à baixa adesão aos temas das categorias. A competição foi aberta novamente e qualquer pessoa pode desfilar, mesmo aqueles que não tivessem preparado uma roupa específica para o tema. Após essa mudança, dez pessoas desfilaram na categoria e uma foi eliminada pelos jurados. O grupo foi separado por diferentes tipos de desfile europeu e americano. As batalhas começaram. Após várias rodadas de disputas, a vencedora foi a mother da Casa de Mutatis.

A festa seguiu para a categoria "Face Masqué: Melhor Máscara", que avaliou a melhor máscara. Apenas uma pessoa da House of Babilônia se apresentou e levou o prêmio.

Para esse evento, aparentemente as pessoas não estavam preparadas para participar dos temas das categorias, por isso algumas competições tinham poucos participantes. Minha suspeita é de que a divulgação dos temas não foi realizada com a antecedência necessária para as pessoas se preparassem para a competição.

A competição continuou com a categoria que mistura vogue e frevo. Oito pessoas se apresentaram e uma delas foi eliminada pelos jurados. Os competidores restantes seguem para a fase de batalhas. A vencedora foi uma participante que faz parte da House of Valentino.

O evento seguiu com a categoria Samba no Pé: Eloína dos Leopardos. Ao som de samba, cinco concorrentes se apresentaram na passarela. No meio das apresentações, uma das chanters enfatiza que a categoria estava boa porque aquilo, em referência ao samba, "é nosso, é regional". O grande prêmio vai para um membro da House of Cabal.

A última categoria foi Tag Team Realness: Mestre Sala e Porta Bandeira. Ao som de samba duas pessoas subiram no palco e fizeram uma apresentação que lembrou as performances de Mestre Sala e Porta Bandeira das escolas de samba. Com uma bandeira do Brasil modificada nas cores rosa e azul, o casal, formado por uma travesti e um homem trans, dançou pela passarela. O homem era da House of Babilônia e a mulher era 007. Mais uma vez, a categoria teve apenas um participante.

### **Baile do Reino de Ophidea**

O Baile do Reino de Ophidea aconteceu no dia 10 de dezembro de 2023, às 16h. O evento foi organizado pela House of Mamba Negra, em parceria com o Museu da Língua Portuguesa e o Governo do Estado de São Paulo. A festa aconteceu no Salão B do Museu da Língua Portuguesa, localizado no bairro do Bom Retiro, na região central da cidade.

O local do baile era um grande salão com as paredes claras e pé direito muito alto. Nos cantos existiam grandes portas de madeira. Várias cadeiras foram posicionadas em uma das laterais. O centro era envolto por duas colunas marrons que marcavam a entrada de uma passarela imaginária. Não existia um linóleo ou um palco montado para o evento, o que pareceu dificultar algumas performances porque o piso escorregava. Esse baile, diferente dos demais, pareceu receber mais pessoas que eram leigas sobre a cultura Ballroom, isso pode ter ocorrido por causa do local e horário do evento.

O DJ do evento foi Kaim Odara. As chanters Nubia Candace e Thita Dengo. O juri foi formado por Gabe Mamba Negra, Patfudyda Mamba Negra, Alezinha Mamba Negra,

Cunanny Mamba Negra, Felix Pimenta, Puri Candace e Drew La Raia. Eles foram posicionados em uma mesa que fica no fundo do salão.

O evento começou a Grand March da House of Mamba Negra, anfitriã do evento. Os participantes da casa usavam em sua maioria roupas brancas e pretas. A casa é bastante numerosa com cerca de 23 pessoas participantes. Alguns dos membros dançam e outros desfilam aos gritos do público que grita “Mamba Negra”.

Após esse momento, começa o LSS, que apresenta as pessoas que já têm títulos dentro da comunidade. As chanters chamam os nomes das legends, statments, stars e pioneers presentes. Várias pessoas realizam curtas performances. Ao final, as chanters enfatizam a importância de fomentar e contratar aquelas pessoas. Além disso, elas dizem: “Toda tecnologia que vocês vão ver hoje é tecnologia preta e transgênera. Todos aqui têm responsabilidade de levar isso aqui para as próximas pessoas trans e pretas para elas verem o quanto elas são pertencentes a esse lugar. É sobre isso”.

A primeira categoria é Perfect Face que enfatiza a beleza dos rostos. Apenas podiam concorrer a essa categoria pessoas pretas, como tinha sido explicado anteriormente na divulgação do evento na página da House of Mamba Negra no instagram. Era obrigatório também o uso de roupas pretas e vermelhas. Alguns candidatos chegavam cobertos por um pano e depois eram revelados para os jurados. Na final sobraram duas pessoas da Casa de Odara, como eles não podem competir porque pertencem a mesmas famílias, o prêmio foi dado para a casa.

O baile seguiu com a categoria Tag team Runway, essa competição é feita em duplas e o tema era Adão, Eva e o pecado original. Três duplas se apresentaram com roupas que imitavam a pele de cobras e folhas de árvore. Os candidatos também levavam uma maça durante o desfile. A dupla vencedora era formada por uma pessoa da House of Cabal e outra da House Of Cosmos.

A próxima categoria foi NB Realness (Não-binário). Era obrigatório o uso de roupas azuis, amarelas e/ ou vermelhas. Apenas uma pessoa se apresenta para a categoria, um membro da casa de Mutatis.

As chanters chamam a próxima categoria Beginners Performance, que apenas pode ser disputada por iniciantes. Quatro pessoas se apresentam. O vencedor da categoria é um membro da Casa de Pimenta.

A próxima categoria foi TM Sex Siren (trans masculinos), as roupas deveriam seguir as cores da cobra coral: vermelho, preto e branco. Apenas uma pessoa se apresenta para a competição da House of Cabal.

A categoria seguinte foi Commentator versus Commentator, uma modalidade que lembra as disputas de rimas realizadas pelos rappers e repentistas. O tema era encantador de serpentes. Três candidatos apareceram para a disputa. O jurado Feliz Pimenta pediu a palavra no microfone e falou sobre a importância dos beats e das rimas serem pensados para quem vai dançar vogue. O vencedor foi o membro da House of Mandacaru.

As chanters anunciam a próxima categoria Joga Raba vs Megão (conhecido também como mega funk), uma categoria que avalia a dança dos participantes e principalmente o rebolado. Ao som de funk, as primeiras quatro pessoas se apresentaram representando a categoria Joga Raba. O vencedor é 007. Apenas uma pessoa se apresenta representando e é cortada.

A próxima categoria foi Vogue OTA (open to All , ou seja, aberta para todos). O vencedor foi o father da House of Blyndex.

## Apêndice B

Análise de posts da página ballroomsp oficial entre dezembro de 2022 e janeiro de 2023

| Data       | Imagem   | Observações   |
|------------|--|---|
| 7/12/2022  | Carrossel com seis imagens. Convite para o Baile Reino de Ophidea e anúncio de quem são jurados, chanters e DJ. Convite para a exibição do filme "Indetectável: Deuses morrem porque se renovam". A festa acontece no dia 10/12, às 16h                                | O post tem mais de 300 curtidas e cerca de 30 comentários. A maior parte das pessoas faz comentários elogiando e dizendo que irão comparecer ao evento. É interessante observar que os comentários geram curtidas de outros participantes.  |
| 23/12/2022 | Post colaborativo entre o perfil ballroomsp e a Casa de Candaces. A foto é dos integrantes da Casa de Candaces. Na imagem aparecem 14 membros posando para a foto. Todos eles usam roupas jeans e sorriem para foto. O fundo é branco e parece um estúdio fotográfico. | A informação do post conta a história da Casa de Candaces. A casa foi formada em junho de 2019 e é voltada apenas para pessoas trans e travestis. O post tem cerca de 500 curtidas e mais de 50 comentários. Algumas pessoas elogiam a foto e a beleza trans. Quase todos os comentários são respondidos pela página da Casa de Candace com emojis. |
| 13/01/2023 | Vídeo convite para o Baile da Naomi. A imagem mostra uma mão negra com unhas grandes pintadas de rosa. A mão segura um globo espelhado de discoteca  | O vídeo tem 50 curtidas e pouco mais de cinco comentários. O post tem pouca interação.  |

|            |  |   |
|------------|--|---|
|            | que gira ao som de uma música. Na parte superior, está escrito Baile da Naomi.   |   |
| 29/01/2023 | Anúncio da programação do Festival Fokatrúa, especial 4 anos e dia da visibilidade trans. Carrossel com duas imagens: a primeira apresenta o título do evento e a segunda traz os dizeres “respeitar, acolher e celebrar” e apresenta a imagem de algumas pessoas. | O texto fala sobre a programação do evento que acontece no mesmo dia que o post foi feito. Na programação chama a atenção uma categoria de melhor performance que tem premiação de R\$ 1000. A publicação tem mais de 160 curtidas e três comentários.  |
| 30/01/2023 | Post colaborativo entre a House of Dengo e a ballroomspoficial sobre o bloco Nem Tenta sem Tempo 2023, um baile organizado pela House of Dengo. São duas imagens: a primeira anuncia as categorias e os jurados e a segunda anuncia a venda de abadás por R\$20.   | O post tem mais de 300 curtidas e 35 comentários. Os comentários são elogiosos e várias pessoas afirmam que irão ao evento.   |
| 30/01/2023 | Post colaborativo entre a Casa de Pimentas e a página Ballroomspoficial. O vídeo mostra uma cena que parece ser de uma festa Ballroom com música alta, luzes vermelhas e algumas pessoas dançando. Ao lado do vídeo está o dia e a hora da festa: 3/2, às 22h.     | O post explica que a Casa de Pimentas foi anunciada no dia 26 de janeiro de 2020. Os três anos de existência da casa serão comemorados com uma festa. O texto avisa que os ingressos custam entre R\$20 e R\$30. O vídeo teve mais de mil reproduções e nove comentários. Os comentários celebram os três anos da casa. |

## Apêndice C

Análise dos vídeos Ballroom nas Redes do canal do YouTube da Casa de Mutatis

| Tema                       | Participantes   | Principais temas abordados   |
|----------------------------|---|--|
| 1. Tudo tem a sua história | Akira Avalanx<br>Kona Hands Up<br>Félix Pimenta<br>Mediação: CL Mutatis | <b>6:26 até 22:02</b> Felix Pimenta - Contexto de criação da Ballroom nos Estados Unidos. Ballroom como um movimento afrodiáspórico. Relação entre gênero, raça e sexualidade. Criação das Houses e da dança Vogue.<br><b>23: 44 até 38:51</b> Akira Avalanx – importância do evento BH Vogue Fever para divulgação da cultura. Importância das redes sociais para divulgação de vídeos e contato entre os membros Crescimento das comunidades em diversos estados do Brasil. Importância dos editais para a remuneração da comunidade. Divulgação da cena |

|                                     |   |   |
|-------------------------------------|---|---|
|                                     |   | <p>por meio da série Pose. Profissionalização na Ballroom. Construção da cena no Brasil. O papel dos pioneiros de direcionar os caminhos da comunidade nos próximos anos.</p> <p><b>40: 01 até 01:02:19</b> Kona Hands up – origem das primeiras casas e pessoas interessadas em vogue. grupo de what’s up – vogue brasil para troca de ideias sobre a comunidade. Originalidade da comunidade brasileira. Empregabilidade para comunidade. As categorias surgem das necessidades das pessoas que estão caminhando nas festas. Recortes de gênero/ raças/ corpos/ sexualidade. A língua inglesa dentro da cena. Os primeiros movimentos da cultura é por meio da imitação de vídeos que chegavam no Brasil por meio do <i>Youtube</i>. Como a cena mainstream americana vê a cena brasileira.</p> <p><b>1:04:56 até 1:08:21</b> Akira Avalanx - Apadrinhamento de pessoas da comunidade americana e internacional, principalmente de forma online.</p> <p><b>1:08:31 até 1:17:55</b> Felix Pimenta - Experiência com a comunidade internacional, principalmente House of Zion, e eventos no exterior, como House lives Matter (direito à cidade/ direitos humanos). Contribuição/tradução das categorias brasileiras.</p> <p><b>1:18:01 até 1:19:25</b> Akira Avalanx - a responsabilidade de quem produz as balls de trazer mais pessoas nas festas.</p> <p><b>1:19:26 até 1:31:35</b> - Kona Hands Up – Novas categorias como uma forma de trazer outras pessoas de outros espaços para dentro da comunidade. Dificuldade de acessibilidade de informação principalmente das novas gerações. COB TV(Centro Oeste Ballroom) reunião de vídeos da comunidade brasileira. Discussão sobre o título de Pioneers.</p> <p><b>1:31:30 até 1:34:52</b> Akira Avalanx – A necessidade da comunidade americana manter o controle sobre a cultura. Dificuldade de acesso ao inglês. Aprendizado dos pioneiros por meio da observação e não do contato direto. Nem sempre é necessário o aval da comunidade internacional se há o aval e reconhecimento da comunidade local.</p> <p><b>1:34:52 até 1:38:20</b> Felix Pimenta – Visão imperialista da comunidade americana em relação às decisões. Documentos de status de comunidade brasileira em que se faz o registro de quem são as pessoas com títulos dentro da comunidade.</p> <p><b>1:38:27 até 1:44:47</b> – Todos os participantes - Apresentação dos status dentro da comunidade brasileira.</p> |
| 2. Discussões base da cena Ballroom | Fênix Negra 007<br>Augusto Borges<br>Cussy Candace<br>Mediação CL Mutatis | <p><b>2:19 até 18:07</b> - Fênix Negra – Apresentação. Pertence à cena de Alagoas, mas morou em São Paulo durante um período. Não-binário/ HIV positivo. Explica sobre sua relação com a dança e com a Ballroom e sobre o fato de ser HIV positivo. Fala sobre a xenofobia na comunidade Ballroom do sudeste do país com relação ao nordeste. Pretende fazer um projeto para unir danças africanas com</p>  |

|  |  |  |
|--|--|--|
|  |  | <p>vogue. Estuda e escrever artigos sobre a comunidade Ballroom por meio da perspectiva de raça e gênero, além do enfoque em temas relacionados ao HIV. Associa suas lutas a ação política.</p> <p><b>19:06 até 30:00</b> – Augusto Borges – Apresentação e atuação em ações comunitária e coletivo travas da sul na periferia da zona sul de São Paulo. Adaptação do vogue para diversos corpos. Questões da categoria da Face com autoestima de pessoas que estão fora dos padrões. Entende que é possível democratizar a cena Ballroom por meio de inserção de referências mais brasileiras e menos americanizadas. Ballroom como um lugar de esperança e autoestima para pessoas que estão mais vulneráveis. Presença dos trans masculinos na Ballroom. Valorização da criação dos beats e da musicalidade brasileira na cena.</p> <p><b>31:13 até 51:03</b> - Cussy Candace - Apresentação. Artista travesti do Capão Redondo. Relação com a igreja evangélica. Começou na dança por meio do axé. Curso de danças urbanas. Começou a se montar com Drag Queen. Representatividade de pessoas gordas. Conheceu o Ballroom/vogue por meio de vídeos da internet. Categorias para corpos gordos. Acolhimento dentro da Ballroom.</p> <p><b>51:10 até 52:20</b> - CL Mutatis - Tema sobre acesso à saúde pública, educação e ao mercado de trabalho.</p> <p><b>52:23 até 1:08:34</b> - Fênix Negra 007 - A comunidade Ballroom como um apoio e ajuda com descobriu ser portador do HIV. Uma das primeiras pessoas a falar e criar performances sobre o tema dentro da comunidade. Começou a falar sobre o tema. A comunidade dialogando com secretarias de saúde e assistência especializada. Reflete sobre a empregabilidade de pessoas negras e periféricas dentro e fora das festas. Trabalha com moda porque aprendeu sobre moda dentro da Ballroom. Deseja ver que as pessoas da comunidade podem trabalhar para além da performance, como enfermeira, advogados etc. A comunidade não pode dar conta de empregar todos os artistas que fazem parte da comunidade. Muitas pessoas pensam a comunidade por meio da performance e dos status. Multiplicidade da comunidade que vai além das categorias. Pensar a comunidade de uma forma plural. Fala sobre prosperidade pós baile para pessoas negras e periféricas em um contexto social adverso. Papel das lideranças de orientar os mais jovens para o futuro profissional.</p> <p><b>1:10:26 até 1:19:08</b> - Cussy Candace – Crítica as vaquinhas criadas por alguns membros da comunidade. Fala sobre grupos que ajudam pessoas trans, mas que cada um tem se dedicar. A comunidade não pode ser responsável por dar apoio financeiro para todos. Fala sobre o tempo que viveu na prostituição. Reconhece a dificuldade que travestis têm de ser empregadas. Papel das</p> |
|--|--|--|

|                                |  |  |
|--------------------------------|--|--|
|                                |  | <p>lideranças em guiar essas pessoas.</p> <p><b>1:19:22 até 1:26: 35</b> – Augusto Borges – Entende a ball como plataforma. A monetização vem acontecendo quando a comunidade recebe destaque midiático. Não consegue estar em todos os balls porque o investimento financeiro é muito grande. É possível que a Ballroom seja uma fonte de dinheiro, porém não é tão simples. Ele atua em diversos trabalhos como dançarino e DJ. Fala sobre redução de danos na Ballroom. Ele tem observado uso excessivo de álcool e outras drogas nos bailes. Importante falar para as novas gerações sobre o autocuidado e saúde principalmente para as populações negras. A questão da saúde é abordada. Presença de CTA (Centro de testagem e Acolhimento) móveis em algumas balls. A cultura Ballroom como uma plataforma para abordar diversos assuntos para juventudes. A Ballroom como um espaço de militância e ação social.</p> <p><b>1:28:12 até 1:35:37</b> – Felix Negra 007 - Agradecimento. Fala sobre a cena no norte e nordeste e sobre a não binariedade dentro da cultura. Racialidade é a base.</p> <p><b>1:42:39 até 1:38:10</b> – Cassy Candace – Agradecimento. Reflete sobre a importância do pioneirismo e lideranças. Chama pessoas gordas para a Ballroom.</p> <p><b>1:38:15 até 1:41:10</b> – Augusto Borges – Agradecimento. Faz uma comparação entre os cultos aos ancestrais das culturas africanas e o pioneirismo de pessoas dentro da Ballroom. Corpos dissidentes dentro da cultura Ballroom.</p> |
| 3. Qual é o lugar da Ballroom? | Zaila Candaces<br>Angel Mutatis<br>Kaim Odara<br>Mediação Péuvis Mutatis | <p><b>8:58 até 16:48-</b> Zaila Candaces – experiência como dançarina. Inicialmente iniciou na comunidade por meio do vogue. Lugar da Ballroom: cura, pertencimento e protagonismo. Um lugar de conforto para negros trans. Reconhecer a potência da Ballroom. Já consegue ver excelência na cultura Ballroom e nas redes de apoio.</p> <p><b>18:43 até 25:05</b> – Angel Mutatis – Se identifica como transgênero não binário. Fala sobre a importância de respeitar os pioneiros e quem veio antes. Fala sobre a potência da Ballroom ao ocupar vários espaços. Chama a Ballroom de tecnologia travesti.</p> <p>Pergunta Edan Mutatis para falar sobre as culturas de periferia e a ocupação de espaços periféricos pela cultura Ballroom.</p> <p><b>28:27 até 34:05</b> - Kaim Odara – Envolvimento como música. Produtor cultural e DJ. Fala sobre a centralidade de São Paulo e como a cena de Campinas pode se tornar independente da capital. Fortalecimento da cena de Campinas. Ocupação de espaços. Ver e ser visto. Lugar da Ballroom é o lugar que podemos ocupar e se sentir confortável.</p> <p><b>36:30 até 46:48</b> – Angel Mutatis - Fala sobre a companhia Manuela, atuação direta na favela de Heliópolis. Surge por meio de um festival de dança na escola de coreografia. Roda vogue – um dos primeiros programas de vogue que participa do</p>  |

|  |   |  |
|--|---|--|
|  |   | <p>edital Vai. Acesso das pessoas negras, periféricas e trans aos editais. Acredita que Heliópolis é um lugar seguro para a diversidade de corpos.</p> <p><b>51:04 até 55:52</b> - Kaim Odara - Tenda Vogue em Campinas. Ideia é facilitar o acesso dos elementos do vogue nas periferias de Campinas. Circulação por diversas localidades com participação das casas. Viabilizado pelo Proac.</p> <p><b>1:00:14 até 1:28:02</b> - Zaila Candaces - Empregabilidade no meio artístico. Enfatiza a importância da Ballroom como um lugar de pertencimento. Celebração do coletivo. Um lugar de celebração de corpos travestis que não é o espaço da marginalização. Importância de respeitar a estrutura e todos que vieram antes. Fundação da Casa de Candaces – recorte só de pessoas trans ( 7 pessoas). As pessoas cis trouxeram a ballroom primeiro no Brasil. Então, a importância dessas casas com recortes das trans. Fala sobre a experiência que teve com Karol Conká e Criolo. Fala sobre a expansão sobre o interior.</p> <p><b>1:28:10 até 1:30 05</b> - Kaim Odara - Fala sobre o desejo de levar a tenda vogue para outras cidade do interior de São Paulo. Fazer as pessoas de capital irem para o interior para conhecer a cena.</p> <p><b>1:30:09 até 1:31:50</b> – Angel Mutatis – São Paulo e Rio de Janeiro como os lugares que geram oportunidades. Levar Ballroom para todos os espaços.</p> |
| 4. Experiências de balls no Brasil I – Cena Mainstream | Buthmann Ninja<br>Jô Gomes<br>Tetê Moreira<br>Mediação Péuvis Mutatis | <p><b>7:39 até 38:56</b> - Tetê Moreira – Faz parte do trio Lipstick (2011). Aprendeu sobre vogue assistindo Paris is Burning. Festa Dengue. Foi para Nova Iorque para conhecer mais sobre vogue e a cultura Ballroom. Primeira edição do BH vogue fever (2015). Não existia houses ainda e tinha apenas duas categorias. Aprendizado sobre as categorias (2016). Começam a gravar a Ball toda para divulgar e as pessoas terem mais contato. Fala sobre como produz os eventos anuais de Ballroom em BH. Dificuldade em conseguir aprovar projetos e conseguir patrocinadores em Belo Horizonte. Os recursos vinham principalmente da venda de ingressos e workshops. Fala sobre os desafios de produção: data, comunicação, planilha de gastos, escolha do local (importância do local acolher pessoas LGBTQIA+, periféricas e negras). Importância de remunerar os profissionais envolvidos nos eventos.</p> <p><b>41:51 até 1:11:31</b> - Buthmann ninja – Hell de Janeiro produtora fundada em 2019 para produzir Ballrooms. Facilitar a produção de Ballrooms no Rio de Janeiro. Não tem parcerias, monetização por meio de ingressos e venda de workshops. Arrecadação de alimentos para comunidade. Fala sobre a cena mainstream no Rio de Janeiro. Fala sobre as Balls durante a pandemia. Fala sobre o evento da House of Ninja que teve apoio</p>   |

|  |  |  |
|--|--|--|
|  |  | <p>financeiro de membros americanos. Os lucros gerados com a Ball ajudaram pessoas a se manterem durante a pandemia. Importância de ter releases para imprensa e mídia kits.</p> <p><b>1:13:26 até 1:36:03</b> - Jô Gomes – Ball Vera Verão (2017), desenvolvimento da cultura Ballroom a partir 2016. Destaca a profissionalização das pessoas da cultura Ballroom. Pessoas negras, periféricas e LGBTQIA+ sempre foram pessoas em vulnerabilidade, mesmo antes da pandemia. Trabalho educativo da Ball ver verão. Dar destaque a pessoas e personalidades que fora da ball são discriminadas. A cultura pop deve muito a cultura Ballroom. Fala sobre as experiências de produção de ball. O Primeiro evento com prêmios e pagamento para os profissionais que estavam trabalhando foi em 2022. A cantora Gloria Groove e o cantor Criolo foram patrocinadores de eventos. Entende que a competição é apenas o método que foi escolhido para celebrar aquelas pessoas e suas criatividadees. Fala sobre a importância de espalhar informações e conhecimentos sobre como produzir, escrever editais etc. Ballroom é resistência por meio da arte de uma sociedade que sempre nos excluiu.</p> <p><b>1:39: 00 até 1:41:03</b> - Buthmann Ninja – questionamento sobre o posicionamento de pessoas cis e brancas. Primordial ter pessoas negra e trans nas produções para que seja mais assertivo nas proposições da Ballroom.</p> <p><b>1:41: 03 até 1:47: 45</b> - Tetê Moreira – Acredita que papel dela como mulher branca e cis é atrás das cortinas e se retira do protagonismo. Compromisso em dar aula em favelas e comunidades. Inicialmente o Vogue Fever era um lugar de elite branca e cis. Necessidade de democratizar os acessos. Escuta ativa. Não existe você estar na Ballroom e ser uma pessoa desconectada com política e com consciência de tudo. Se você pisou neste lugar, você precisa ter consciência política porque para você dar o close na sua ball, você precisa de político em todas as instâncias que nos apoiem e queiram que nossas vidas existam. Não dá para ser despolitizado na Ballroom.</p> <p><b>1:47:48 até 1:50: 50</b> - Jô Gomes – Trabalho das Houses para informar que aquele é um espaço de pessoas negras, LGBTs e periféricas. Trabalho de formação e educação política dentro das Houses. A Ballroom é política.</p> <p><b>1:53:10 até 1:57:40</b> - Tetê Moreira - Questionamento da cena brasileira em relação a cena mainstream de Nova Iorque em relação ao binarismo das categorias. Contextos muito diferentes.</p> <p><b>1:58:34 até 2:05:12</b> - Jô Gomes – Sobre as críticas da cena mainstream em relação a cena Kiki. Acredita que as cenas de cada lugar estão criando com as sua referências culturais. Não tolera o discurso colonizador da cena americana. A mother a House of Zion ajuda os membros da cena</p> |
|--|--|--|

|  |  |  |
|--|--|--|
|  |  | <p>brasileira com dinheiro em caso de necessidade.<br/> <b>2:05:24 até 2:13:05</b> - Buthmann Ninja – Existe realmente a colonização que vem de fora, mas enfatiza o respeito às tradições. Ajuda financeira de pessoas de membros da Ballroom dos Estados Unidos.</p>   |
| <p>5. Experiências de Balls no Brasil II - Cena Kiki</p> | <p>Akira Avalanx<br/> Hiari Black Velvet<br/> Yagaga Kengaral<br/> Mediação CL Mutatis</p> | <p><b>5:12 até 11:39</b> - Akira Avalanx - Importante entender como funciona a cena brasileira e americana para produzir ball. Enfatiza a importância de se programar para entender os custos de produção.<br/> <b>12:30 até 16:45</b> - Hiari Black Velvet – Organiza a Ball Afrodiáspórica, festa exclusiva com categorias para pessoas negras. Questões de tempo e transporte para a produção das festas.<br/> <b>17:39 até 23:30</b> - Yagaga Kengaral – Fala sobre as primeiras balls no Ceará . Momento de aprendizagem. Acessibilidade da língua. Tradução de temas. Fala sobre as diferenças regionais no Brasil na produção das festas.<br/> <b>24:29 até 32:09</b> – Akira Avalanx –Produção do Vogue for Life. Como acolher mais pessoas dentro da ball? As necessidades das pessoas e dos corpos ajudam a formar as categorias. Fica ligada nas redes sociais para saber sobre a necessidade das pessoas e a criação de novas categorias. Incentivar as pessoas caminharem com temas mais simples.<br/> <b>32:23 até 39:12</b> - Hiari Black Velvet - Importância de textos que explicam as categorias e com antecedência para as pessoas se prepararem.<br/> <b>39:14 até 52:48</b> - Yagaga Kengaral – quando produz a ball, está sempre pensando no formato de um edital. Pensar o conceito de uma festa. Importante pensar na realidade financeira dos competidores. Observar a necessidade e as cenas regionais. Todas as balls do Ceará são filmadas e colocadas no youtube. Fala sobre os recursos ainda limitados para produzir e remunerar as pessoas da comunidade no Ceará.<br/> <b>53:12 até 1:06:39</b> - Akira Avalanx – fala sobre a experiência no planejamento financeiro para os eventos em São Paulo. Poucas pessoas ainda são especializadas para dar aula ou para ser jurada. A Ballroom pode se tornar um trabalho. Hoje, vive apenas do que a Ballroom proporciona. A Ballroom deu visibilidade para que possa viver de outras coisas que exerceu dentro da cultura, como apresentadora. Importante que as pessoas da comunidade possam entender que aquilo pode ser um trabalho. Conheço pessoas que começaram como cantores e agora são cantoras. Conheço pessoas que começaram no vogue e agora dançam com artistas famosos. Não dá entrevistas porque elas não pagam. A comunidade precisa saber precificar o trabalho. Fala sobre imprevistos que podem acontecer dentro de uma ball, como um caso de agressão.<br/> <b>1:05:45 até 1:17:04</b> - Hiari Black Velvet – Preciso saber de onde está vindo o dinheiro para pensar um cachê para os profissionais. Ainda é difícil colocar</p> |

|  |   |   |
|--|---|---|
|  |   | <p>cash prize por causa da falta de verba. Ter entre 3 e 5 jurados. Entende que as pessoas negras e trans que fundaram a Ballroom são os ancestrais. Samba, Jazz, Blues e o vogue carregam a ancestralidade dos povos negros.</p> <p><b>1:19:25 até 1:25:00</b> - Akira Avalanx – Muitas pessoas começaram a prestar mais atenção na Ballroom por causa de séries como Pose e Legendary. A Ânsia das pessoas em conhecer e produzir balls depois da pandemia. Com mais pessoas se interessando pela comunidade, mais chances de vender ingressos e mais dinheiro revertido para contratação de pessoas da comunidade. Os ingressos costumam ser mais baratos para pessoas trans e para pessoas da comunidade Ballroom.</p> <p><b>1:25:03 até 1:35:12</b> - Yagaga Kengeral – Balls online, problemas de acesso à internet. Ao mesmo tempo foi por meio da internet que os laços sociais foram estreitados. Fala sobre as dificuldades encontradas durante a pandemia. Cena no Ceará é cena jovem. As conexões por meio da internet têm proporcionado a criação de grupos em diversos estados. As pessoas chegam na cena por meio de Pose e Legendary. O virtual trouxe uma nova perspectiva de como as balls podem acontecer e com ela pode ser multiplicada para além do acontece físico.</p> <p><b>1:36:07 até 1:43:48</b> - Hiari Black Velvet - Balls online. As pessoas mandavam vídeos que posteriormente seriam julgados. Problemas de acessibilidade ainda a tecnologia. Pessoas de vários estados mandavam vídeos. Fala sobre as estruturas que diferenciam o online do presencial. Fala sobre a retomada das balls presenciais.</p> |
| <p>6. Então como é que acontece a organização de uma Ball?</p> | <p>Paul 007<br/>Muryllo Blyndex<br/>Magic Zion<br/>Mediação Angel Mutatis</p> | <p><b>09:45 até 15:50</b> - Paul 007 – Pessoa não binária que já trabalha com produção cultural há alguns anos. Ballroom é um espaço que as pessoas estão criando juntas. Dois projetos com fomento do estado Ballroom em Cena e Tenda vogue.</p> <p><b>17:05 até 20:57</b> - Muryllo Blyndex – começou a trabalhar com audiovisual na Ballroom. A casa de Blyndex não tem uma liderança fixa.</p> <p><b>22:17 até 27:49</b> - Magic Zion – Se identifica como uma pessoa indígena. Mora em Manaus. Fomentador da cena de Manaus.</p> <p><b>30:07 até 43:11</b> – Paul 007 – Explica a ball com um baile que tem como recorte dissidente do sistema, LGBTQIA+ e são todos artistas. É uma união, uma celebração, um espaço de fala e de briga também. Para ser um ball tem que ter pessoas da cena na produção, no júri, no chanter, no DJ e no registro. Produção pré-evento e pós-evento. Em 2022, aumento da cena e profissionalização dos membros da comunidade. Ressalta a importância da formação do júri que ajuda a atrair mais público. Importância de pessoas da cena para ser DJ.</p> <p><b>45:40 até 49:31</b> - Muryllo Blyndex – Além de evento, estamos falando de comunidade quando se</p>  |

|                              |  |   |
|------------------------------|--|---|
|                              |  | <p>fala de Ballroom. Para explicar para as pessoas de fora, faz relações com performances artísticas que as pessoas já conhecem.</p> <p><b>51:02 até 1:06:30</b> - Magic Zion - Explica Ballroom como um grande encontro para celebrar e estar vivo, com pontos de dança, moda etc. Faz um paralelo com um encontro de tribos. Lugar para os corpos que não são aceitas. Fala sobre as dificuldades de construir as balls em Manaus. Entende a balls com uma conversa com a comunidade. As balls acontecem dentro da própria casa com ajuda da família.</p> <p><b>1:10:30 até 1:22:07</b> - Paul 007 – Experiência com editais. Fomento da cena no interior, em Campinas e em Sorocaba. Descentralizar a balls que acontecem na cidade de São Paulo. Fala sobre a importância das descrições nos editais. O currículo também é muito importante para os editais. Cronograma e orçamento dentro dos editais.</p> <p><b>1:24:37 até 1:31:00</b> - Muryllo Blyndex – Fala sobre a diferença entre cena kiki e mainstream. Cena kiki é sobre a cena criativa brasileira. Cena mainstream regra global e laço criativo internacional.</p> <p><b>1:36:34 até 1:39:28</b> - Paul 007 – Entende que a comunidade de afeto, mas também pode ser uma comunidade econômica. Entender que também faz parte do afeto garantir que essas pessoas da comunidade tenham o que comer, o que vestir e como voltar para casa. Garantir que as pessoas da cena estejam vivas e estejam bem. Força de movimentação política para movimentar as coisas da forma como elas são dadas. Somos também uma comunidade online também.</p> |
| 7. A categoria é Commetators | Mediação Péuvis Mutatis<br>Convidades Sodomita Mutatis | <p><b>1:56 até 13:13</b> - Sodomita Mutatis - Mc, produtora cultural, chanter e commentator. Entrou na Ballroom por meio do vogue por meio de uma oficina com artistas americanos. Aprendeu o contexto histórico e político da comunidade. Era uma pessoa fechada antes da transição de gênero. A ballroom ajudou na jornada de autoconhecimento e compreender questões de gênero. Espaço importante e seguro para transição. Sempre fez rimas e começou a brincar como chanter. Incentivo da House para desenvolver a habilidade. Começou a desenvolver a música para além da Ballroom. A comunidade foi responsável por esse incentivo. A carreira artística está relacionada à cultura. Quer construir um legado como chanter na cultura Ballroom. Construção de uma identidade regional dos chanters e não mera imitação dos americanos.</p> <p><b>16:27 até 19:41</b> - Sodomita Mutatis - Dificuldade inicial com rimas, mas o chante vai além das rimas. As rimas precisam dialogar com tema, com a ball e com as categorias. Chante é um diálogo entre a pessoa que está fazendo e a que está performando.</p> <p><b>24:30 até 24:46</b> - Péuvis Mutatis - o Chanter é a lei da casa.</p>  |

|                                      |   |  |
|--------------------------------------|---|--|
|                                      |   | <p><b>26:34 até 31: 53</b> - Sodomita Mutatis - No Brasil, a maioria das chanters são mulheres trans. O mesmo não acontece nos Estados Unidos, geralmente, são butch queens. Zaila é uma das primeiras referências no Brasil. Estamos trilhando nosso próprio caminho como comunidade. As primeiras kiki Houses em São Paulo surgiram em 2018 - Casa de Mutatis e House of Beshher. Ainda sem estrutura.</p> <p><b>38:34 até 42:30</b> - Sodomita Mutatis - Fala sobre direito autoral no chante. Não tem como não trazer referência de outras pessoas. o importante é dar crédito.</p> <p>Vídeos de referência.</p> <p><b>53:07 até 1:15:30</b> Sodomita Mutatis - Fala sobre diferentes ritmos melódicos. Enfatiza a importância de sincronizar com outros apresentadores e chanters. Importância de contar o tempo para todos terem o mesmo tempo de performance. O Chante é uma forma de performance que não pode ser sobreposto por outras pessoas fazendo chante. O chante ajuda a dar o tom das performances é uma troca. Os Commentators nem sempre são citados nos vídeos. Comenta sobre suas referências.</p> <p><b>1:15: 34 até 1:21:34</b> - Elementos chante: precisa de vocalizações, além das rimas. Referências de vivências como um todo, como músicas infantis, rap, funk, gospel e conversas com outras travestis. Uso das mesmas expressões em inglês como kunt, pussy, femme etc. É muito difícil que duas pessoas façam chante do mesmo jeito porque está ligado a vivências e experiências das pessoas.</p> |
| 8. Experiências musicais na Ballroom | Luwa Cheia<br>DJ Orí<br>Sstar OM Cosmos (DJ EVEHIVE)<br>Gaia Bassan (DJ BA\$\$AN) | <p><b>4:13 até 9:30</b> - Gaia Bassan ( - Faz parte da casa de Mutatis. Conheceu a cultura por meio da dança vogue e depois começou a produzir como DJ. Lança beats autorais. Já teve beats em uma campanha da Avon e do Youtube.</p> <p><b>9:45 até 13:17</b> - Luwa Cheia - Começou vendo vídeos na internet. Começou na cena Ballroom por meio da dança. Começou a fazer a transição de gênero durante a pandemia e foi expulsa de casa. Já discotecava nessa época. Foi aprendendo a ser DJ durante a pandemia e descobriu a cena Ballroom.</p> <p><b>13:17 até 16:16</b> - DJ Orí - Começou em escola de música em Brasília. Trabalhou com dança durante muito tempo. Começou a estudar música e discotecagem em 2017.</p> <p><b>18:44 até 20:20</b> - DJ Orí - o principal problema ainda é remuneração para os DJ em Brasília. Maior desafio se inserir na Ballroom sendo negro e trans. A ballroom como um lugar de visibilidade e de emprego. Fora da ball não tem o mesmo reconhecimento. Queria tocar em outras festas.</p> <p><b>20:23 até 22:30</b> - Gaia Bassan - Maior desafio recurso. Aprendeu a tocar numa iniciativa pública do VAI em 2018. Não tem computador e equipamentos.</p> <p><b>22:32 até 25:47</b> - Luwa Cheia - Maior desafio se sente solitário. Conseguiu equipamento com ajuda de pessoas.</p>   |

|                           |   |  |
|---------------------------|---|--|
|                           |   | <p><b>27:22 até 30:00</b> - EveHive - Toca na ballroom há 4 anos. Começou criar remix e beats. Principal desafio a captação de recursos.</p> <p><b>32:06 até 35:13</b> - Gaia Bassam - A publicidade chega com visão distorcida ou superficial do que é a Ballroom. Eles querem o Pose e o Lendary.</p> <p><b>35:13 até 39:24</b> - EveHive - Fala sobre as experiências com a publicidade. A ideia é que um que consegue um trabalho puxar outros da comunidade para outros projetos.</p> <p><b>39:24 até 41:25</b> - Luwa Cheia - Participou de um vídeoclipe do Google. Falta de inclusão na parte da produção.</p> <p><b>45:48 até 47:28</b> - EveHive - Necessidade de emissão de nota e profissionalização. Cobrança por hora.</p> <p><b>51:37 a 56:05</b> - Gaia Bassam - Separa o que é o trabalho da Ballroom do trabalho de fora da comunidade. Recebe mais nas festas do que na Ballroom.</p> <p><b>56:06 a 59:25</b> - Luwa Cheia – A remuneração também tem que se preocupar com o transporte, principalmente porque se trata de corpos que correm mais risco de sofrer violência.</p> <p><b>59:25 a 1:03:35</b> - DJ Ori – Brasília não paga tão bem como São Paulo.</p> <p><b>1:03:35 a 1:13:49</b> – Conversa sobre o valor cobrado pela produção musical</p> <p><b>1:22:00 a 1:24:30</b> - EveHive – Fala sobre como teve que ganhar o respeito das pessoas que caminham. Fala sobre os beats brasileiros com referências de músicas e sonoridades brasileiras.</p> <p><b>1:24:30 a 1:29:06</b> Gaia Bassam – Fala sobre a importância de misturas beats tradicionais com ritmos brasileiros, principalmente o funk. Acredita que a dança, os chantes e os beats estão evoluindo em conjunto para a construção de uma brasilidade da cultura Ballroom.</p> <p><b>1:29:06 até 1:32:18</b> - DJ Orí - Importância dos DJs fazerem parte de uma casa que ajuda a fortalecer o trabalho.</p> <p><b>1:34:11 até 1:27: 25</b> - EveHive- fala sobre softwares para produção musical. A importância de assistir vídeos na internet que ensinam sobre produção.</p> <p><b>1:37: 25 até1:39: 20</b> - Luwa Cheia – A importância de ouvir músicas para fazer produção musical.</p> <p><b>1:39:20 até 1: 42: 41</b> – Gaia Bassam – Aprendeu vendo vídeos na internet. Futuro da Ballroom é torná-la cada vez mais brasileira.</p> <p><b>1:42:41 até 1:46:24</b> - DJ Orí – Saber diferenciar produção musical e discotecagem .<br/>Música da Luwa Cheia.</p> |
| 9. Cypher de commentators | Mediação Sodomita<br>mutatis<br>Zaila Candace<br>Kona Hands up<br>Thita 007 | <b>00:00 até 1:26:11</b> – Encontro que reúne pessoas da cena que fazem commentators. Os participantes se revezam no microfone e versam sobre suas vivências. Os temas estão relacionados geralmente à própria cena Ballroom, mas há também rimas que falam sobre sexo, sexualidade, relacionamentos e   |

|  |   |                |
|--|---|----------------|
|  | OM Cosmos (DJ<br>EVEHIVE)<br>Gaia Mutatis ( DJ<br>BASSAN) | uso de drogas. |
|--|---|----------------|